



Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisa de Saúde e dos Ambientes de Trabalho

Informe Técnico de Pesquisa¹

Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores nas instituições de ensino privado no Rio

Grande do Sul

FeteeSul

São Paulo – Agosto de 2009

¹ Informe de caráter técnico-executivo.

Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores do Ensino Privado no Estado do Rio Grande do Sul

FeteeSul, Sinpro RS, Sinpro Caxias e Sinpro Ijuí

Informe de pesquisa – dados relativos aos docentes

Wilson Cesar Ribeiro Campos²

Alexandra Mari Ito³

Informe de pesquisa – ênfase nos dados relativos aos docentes	2
FeteeSul, Sinpro RS, Sinpro Caxias e Sinpro Ijuí	2
Introdução	4
A pesquisa.....	4
Metodologia e amostra	4
Reuniões com representantes sindicais	4
Investigação com uso de entrevistas presenciais.....	5
Investigação com uso de questionário	5
Professores	5
Técnicos e Auxiliares de Ensino	6
Dados das entrevistas e dos questionários	6
Dados do Censo INEP/MEC.....	7
Resultados - Professores	9
Características dos entrevistados e respondentes.....	9
Sobre a atuação nas instituições de ensino privado.	14
Saúde e Trabalho Docente	19
Relacionamentos no trabalho	19
Pressão e Trabalho Docente.....	20
Assédio Moral: Humilhação e constrangimento no trabalho	20
Condições de Saúde.....	24
Tratamentos e Medicamentos	25
Relação Trabalho e Saúde	31
Dor	41

² Psicólogo pela USP, especialista em Saúde Coletiva pela UNIFESP, Coordenador Técnico e Membro do Conselho Científico do DIESAT. Contato: wilson@diesat.org.br

³ Psicólogo pela USP, especialista em Saúde Coletiva pela UNIFESP, pesquisadora do DIESAT.

Voz	44
Problemas Alérgicos	46
Qualidade de vida	46
Considerações e Discussão dos Resultados.....	50
Avanço ou retrocesso nas condições de trabalho e saúde do professor do ensino privado gaúcho.	52
Trabalho docente, fontes de renda e saúde.....	53
Assédio Moral.....	54
Atividades docentes exercidas fora do horário de trabalho e saúde.....	55
Problemas alérgicos.....	56
Cansaço e esgotamento freqüentes.....	56
Utilização de medicamentos.	57
Sono e sensação de impotência e esgotamento.....	57
Dor	58
Síndrome de Burnout	59
Violência na Escola	60
Relação com outras pesquisas e estados brasileiros.....	60

Introdução

Esta pesquisa “Condições de Trabalho e Saúde dos trabalhadores nas instituições de ensino privado do Rio Grande do Sul” nasce da parceria e colaboração entre a Feteesul – Federação dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino Privado no Rio Grande do Sul – e o DIESAT – Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho.

Prevista para ser encerrada em agosto de 2009, apresentamos neste momento um consolidado geral das informações no que tange a categoria de docentes, técnicos e auxiliares de ensino, sem distinção de regiões e instituições, com vistas a subsidiar as campanhas e negociações em nível estadual. As demais informações serão apresentadas em publicação final da pesquisa.

A pesquisa

Metodologia e amostra

Reuniões com representantes sindicais

Com o objetivo de compreender a extensão e significado da demanda apresentada pelas Feteesul e suas organizações filiadas, os técnicos do DIESAT realizaram diversas reuniões preparatórias com representantes de todas as organizações envolvidas. Estas reuniões serviram para compreender a demanda e as expectativas envolvidas, bem como o enfoque e as etapas necessárias para execução da pesquisa. Foi constituído um grupo de acompanhamento da pesquisa com membros de todas as entidades envolvidas.

Investigação com uso de entrevistas presenciais.

Nesta etapa, das cidades em que encontramos instituições de ensino privado, foram escolhidas 23 cidades, distribuídas em 9 regiões do estado, procurando manter um equilíbrio entre instituições de ensino básico e de ensino superior e entre participantes do sexo feminino e masculino.

Em cada cidade, foram escolhidas algumas instituições de onde seriam convidados os docentes, técnicos e auxiliares de ensino. Nas datas de visita à cidade, os trabalhadores eram contatados, sendo o aceite para participação voluntário.

Estimamos um mínimo de pessoas para a entrevista em cada instituição, sendo que foi atingindo um total de 230 entrevistados nesta etapa.

Investigação com uso de questionário

Professores

Para execução desta etapa, foram enviados questionários por meio eletrônico a todos os associados Sinpro/RS, em um total de 22.478 associados, e também por meio eletrônico aos associados Sinpro/Caxias, totalizando 500 cadastrados, e Sinpro/Ijuí, também com 500 cadastrados. O total de respostas foi de 1680, representando 7,16% dos questionários enviados.

Os retornos aos questionários, em curto espaço de tempo e considerando o período de final de ano e férias escolares, foram acima das expectativas, atingindo respectivamente 7% dos associados Sinpro RS, 14% dos enviados para o Sinpro Caxias e 6% para o Sinpro Ijuí.

A escolha do uso do meio eletrônico deve-se ao fato de ser este um meio utilizado por todos os docentes do ensino privado, fazendo parte de seu cotidiano, facilitando a possibilidade de resposta ao instrumento, bem como seu recebimento e devolução aos pesquisadores.

Técnicos e Auxiliares de Ensino

A aplicação de questionário junto aos técnicos e auxiliares de ensino se deu através de formulário impresso específico, auto-explicativo e de fácil compreensão. Para esta etapa a participação dos dirigentes sindicais nas diversas regiões foi fundamental para a aplicação dos questionários em diversas instituições de ensino privado. Foram respondidos 2.800 questionários apresentando a seguinte distribuição:

	Número Respostas	Participação	Universo	Amostra
SINTAE/RS	254	9,07%	6675	3,81%
SINTEEP	414	14,79%	1426	29,03%
SINTEE	629	22,46%	1929	32,61%
SAAE/CX	492	17,57%	1745	28,19%
SAAE/SL	1011	36,11%	7442	13,59%
Total	2800	100,00%	19217	14,57%

Dados das entrevistas e dos questionários

Para fins de análise dos dados observados nas etapas de entrevista e de resposta ao questionário, procurando manter as informações de maneira a não identificar os respondentes e entrevistados, utilizaremos os dados quantitativos dos questionários para introdução da informação, associando-os com comentários dos dados obtidos nas entrevistas. Assim, os números e porcentagens referem-se ao material colhido através do instrumento de questionário, sendo que, em caso de discrepâncias e de contradições com as informações obtidas durante as entrevistas, estas serão necessariamente apontadas. Nos demais casos, pressupõem-se uma concordância entre os dados

obtidos nas entrevistas e nos questionários. Todas as análises estão baseadas nas informações obtidas nestas duas etapas.

Dados do Censo INEP/MEC

Antes de tratarmos dos resultados da pesquisa em si, cabe apontarmos nesta introdução algumas informações sobre o perfil dos professores colhido junto ao Censo da Educação Básica e ao Censo do Ensino Superior do INEP, uma vez que faremos referências a estes.

Caracterizando o professorado brasileiro

Na educação básica⁴, segundo o Censo Escolar 2006 do INEP/MEC⁵, observávamos 2.647.414 funções docentes⁶ cadastradas oficialmente no Brasil. Destas, cerca de 43,3% estavam alocadas em estabelecimentos de ensino municipais, 22,6% em estaduais, 0,56% em estabelecimentos federais e 19,9% em instituições de ensino privadas. Isto é, quase 80% das funções docentes estão concentradas em estabelecimentos de ensino públicos.

Quando falamos em ensino superior temos uma inversão entre instituições públicas e privadas. O INEP/MEC apontava em seu Censo da Educação Superior 2006 um total de 316.882 funções docentes em Instituições de Ensino Superior no Brasil, onde 34% estavam em estabelecimentos públicos, na maioria federais, e 66% em instituições privadas.

⁴ Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a educação básica compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio.

⁵ Utilizamos os dados de 2006 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação, pois o Censo 2007, até o presente momento, não apresenta informações sobre docentes.

⁶ O Censo Escolar utiliza o termo “função docente” uma vez que um mesmo docente pode ocupar mais de uma função docente em estabelecimentos de ensino diferentes e em diferentes níveis e modalidades de ensino.

Grande parte da população de professores na educação básica são do sexo feminino, sendo que no Brasil, cerca de mais 60% concentram-se na faixa etária dos 30 a 49 anos⁷. Novamente percebemos que a relação se inverte quando se trata do ensino superior, onde 55,5% dos docentes são do sexo masculino contra 44,5% do feminino, de acordo com os dados do Censo da Educação Superior 2006.

Caracterizando o professorado do estado do Rio Grande do Sul

O Estado do Rio Grande do Sul, de acordo com este documento, abriga quase 6% das funções docentes do país na Educação Básica e 7 % na Educação Superior. Em relação à distribuição destas entre instituições de ensino público e privado, verificamos as mesmas tendências encontradas em nível nacional, sendo que no Ensino Superior, o número de funções docentes no setor privado somam 72% do total de todo o estado. Notamos uma outra particularidade nos dados do ensino superior do estado, que é a presença maciça de instituições de cunho comunitário, confessional e filantrópico, abarcando cerca de 63% do total das funções docentes no estado. No Brasil, esta relação alcança 29%.

Não obtivemos dados do Mec em relação à natureza da instituição privada no Ensino Básico, mas apontamos semelhante tendência em função de nossa observação durante a etapa de entrevistas, onde notamos uma forte presença destas instituições também para este nível de ensino.

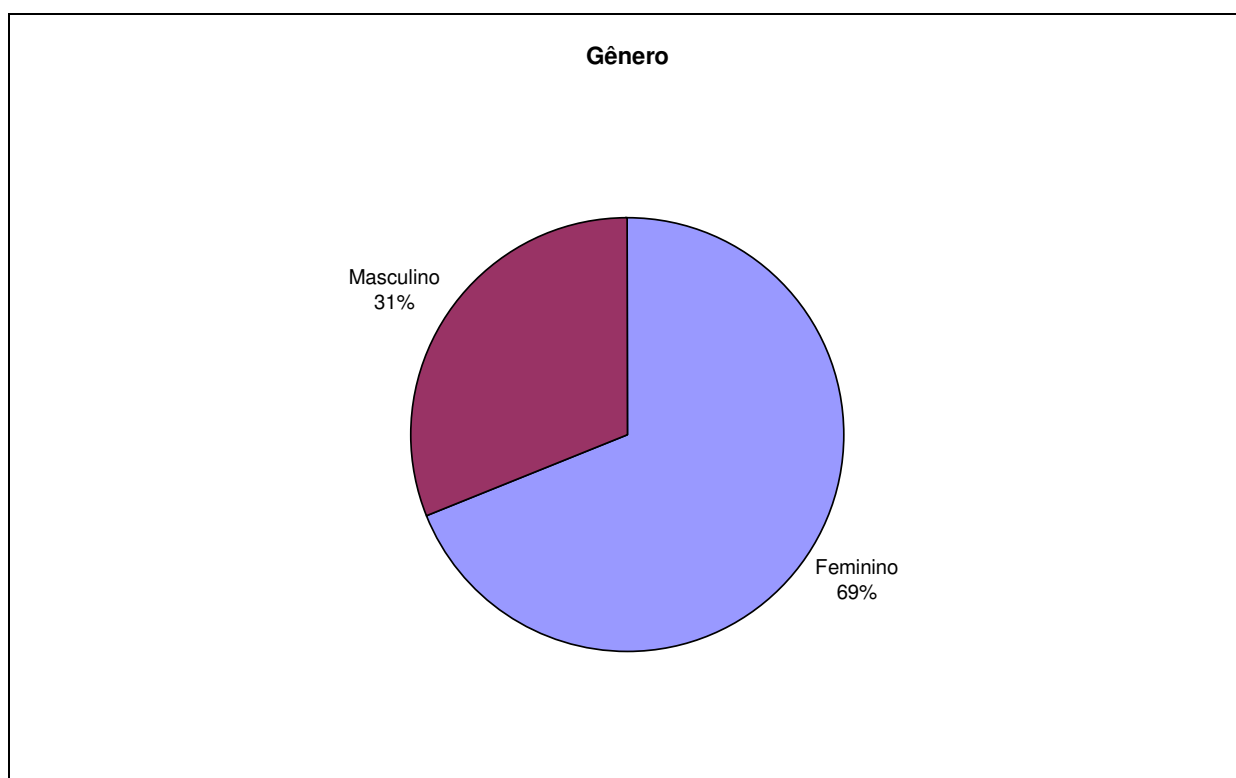
⁷ Segundo o relatório da UNESCO (2006), baseado em dados mundiais de 2004, entre os educadores encontrávamos uma população feminina de 61% no ensino primário e de 52% no ensino secundário.

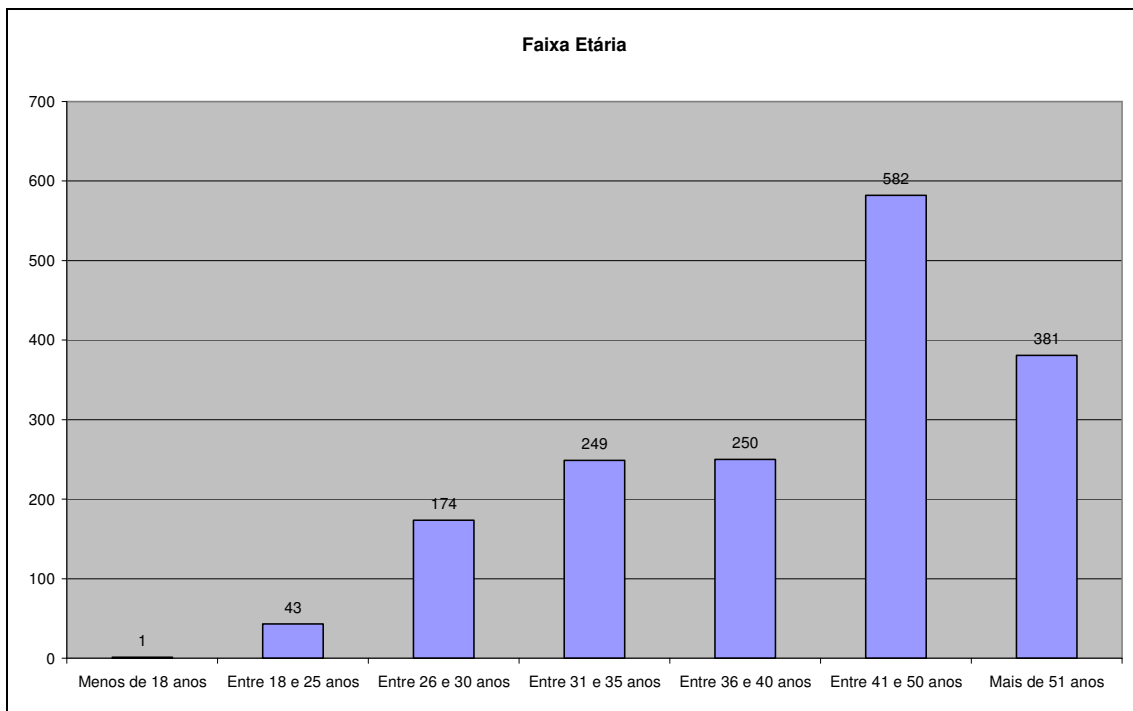
Resultados - Professores

Características dos entrevistados e respondentes.

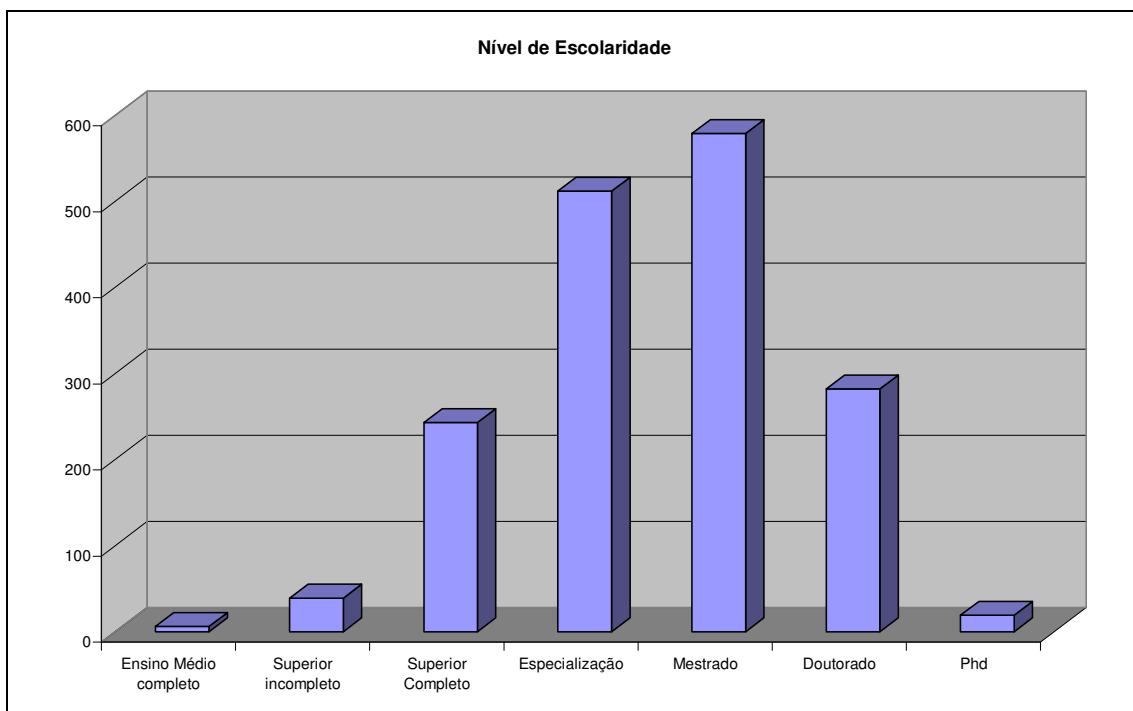
No geral, notamos que o perfil dos docentes que participaram da pesquisa segue o identificado pelo MEC através dos Censos 2006.

Encontramos uma população predominantemente feminina, sendo que em Caxias, esta ultrapassa os 79% do total de respondentes. A respeito da faixa etária, identificamos maior número de pessoas com idade superior aos 36 anos, havendo uma maior concentração na faixa dos 41 a 50 anos.

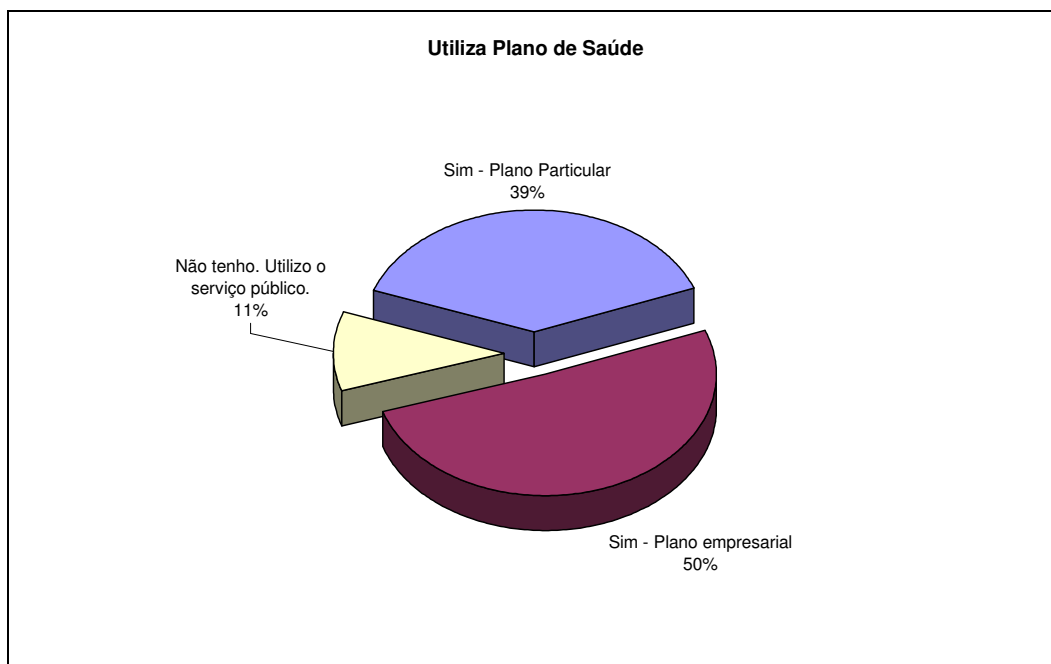




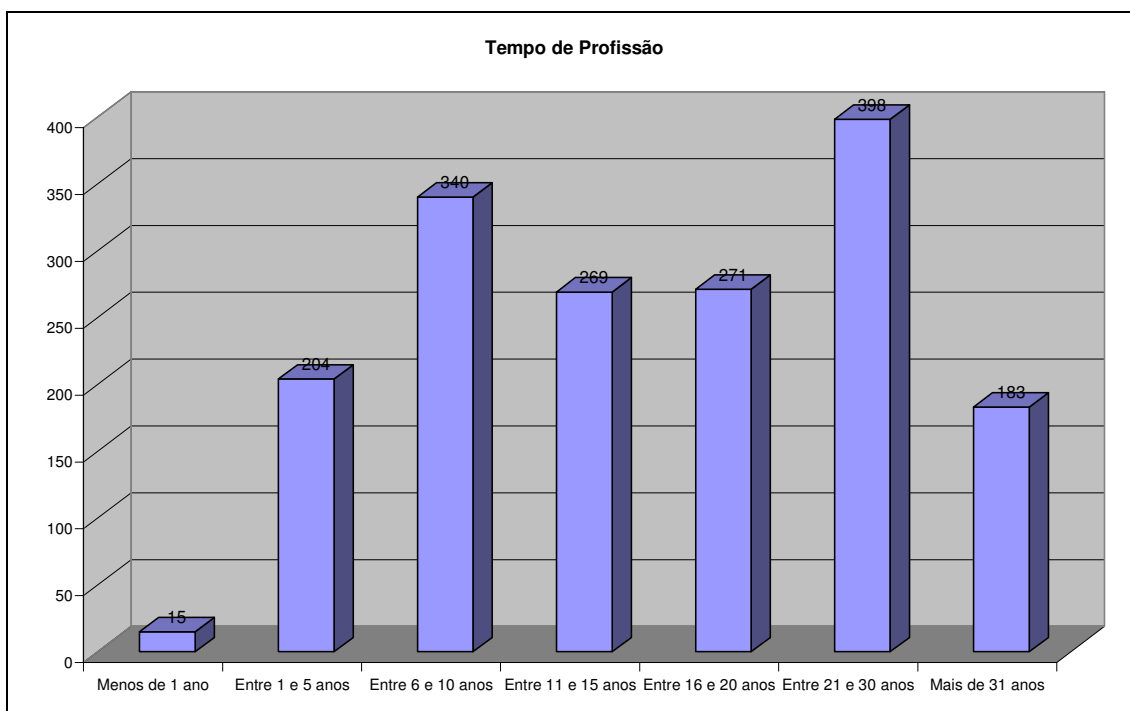
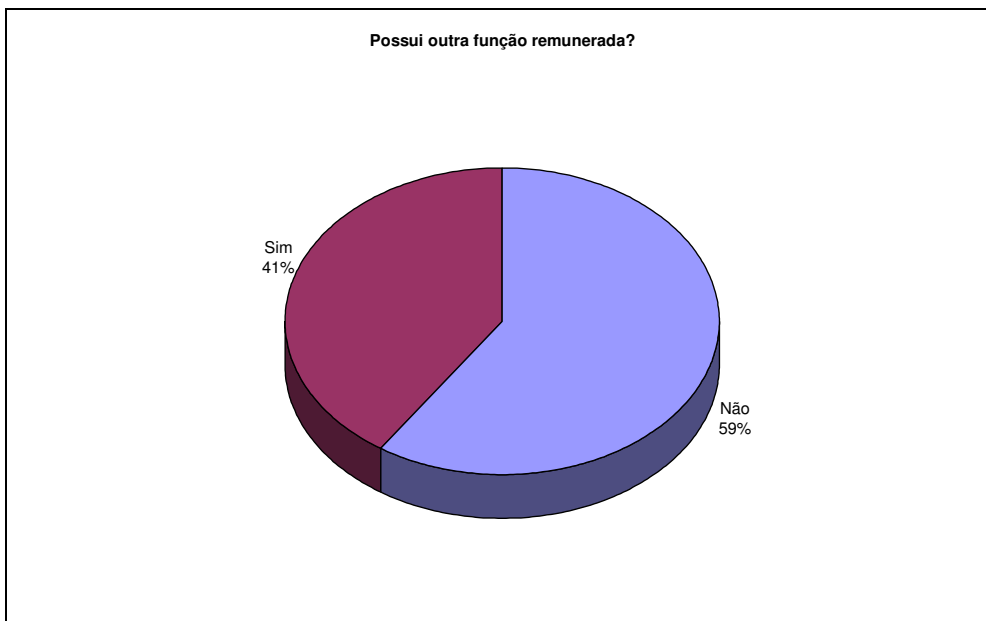
Analisando as informações sobre escolaridade, temos uma intensificação de pessoas com formação mínima de Especialização e Mestrado, sendo poucos os que declararam ter ensino médio ou graduação, como em Ijuí, em que nenhum dos respondentes apresentou menos do que especialização, demonstrando uma forte preocupação e uma busca pela qualificação profissional.



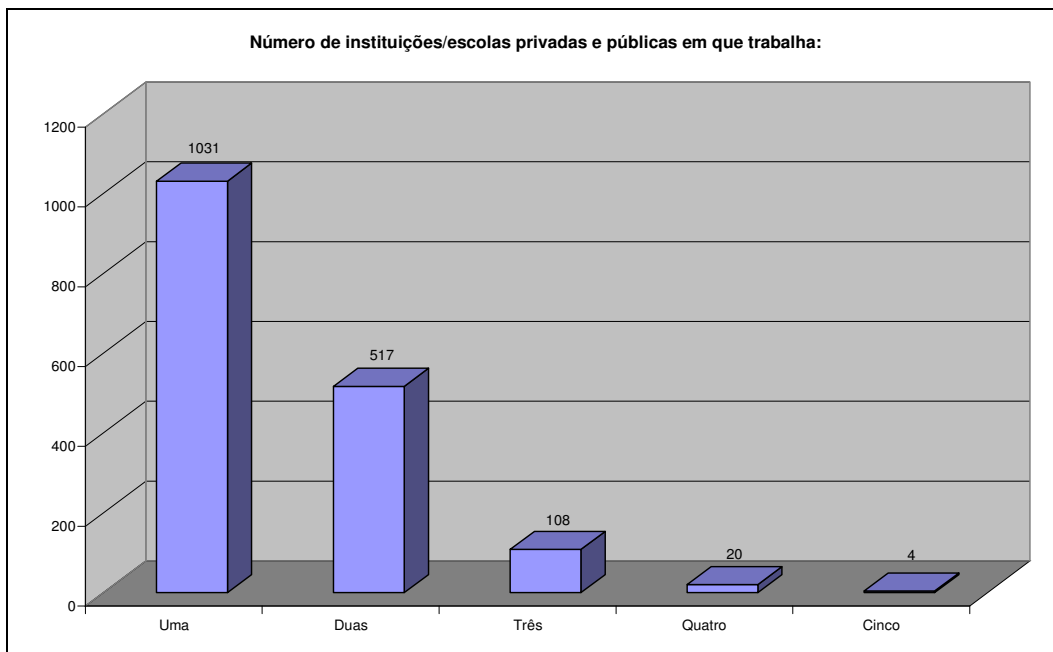
A maior parte dos docentes informa ter algum tipo de plano de saúde, sendo os planos empresariais os que mais se destacam.



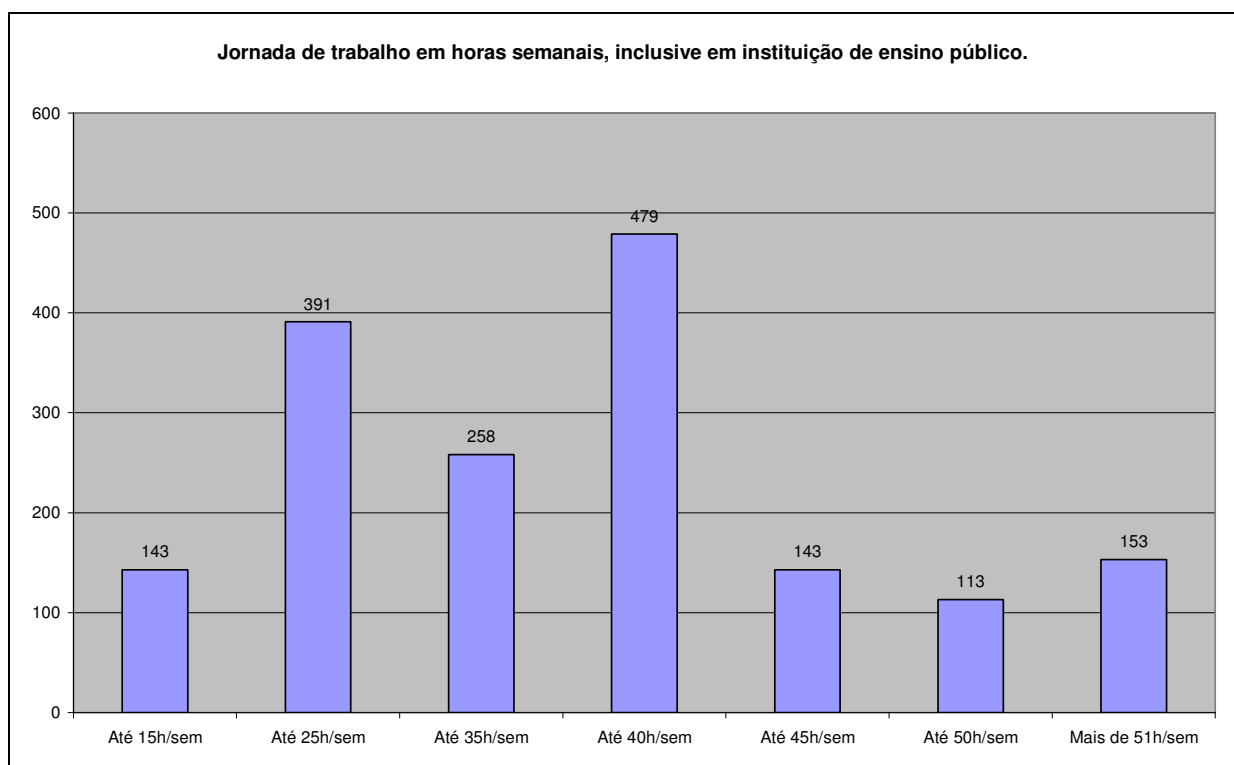
Outro dado relevante, é que cerca de 60% dos docentes têm esta atividade como fonte de renda exclusiva, não recebendo remuneração de nenhum outro tipo de atividade, destacando o fato de mais de 86% das pessoas já exercem esta profissão há mais de 6 anos e 50% do total dos respondentes ter mais de 16 anos na profissão. Isto demonstra que as informações fornecidas vêm de profissionais que firmaram carreira na docência, o que nos permite ter informações mais consistentes perante nosso objeto de estudo.



Encontramos docentes que trabalham em mais do que três instituições de ensino, público e privado, mas a atuação em uma ou até duas instituições é o mais comum na rotina destes profissionais.

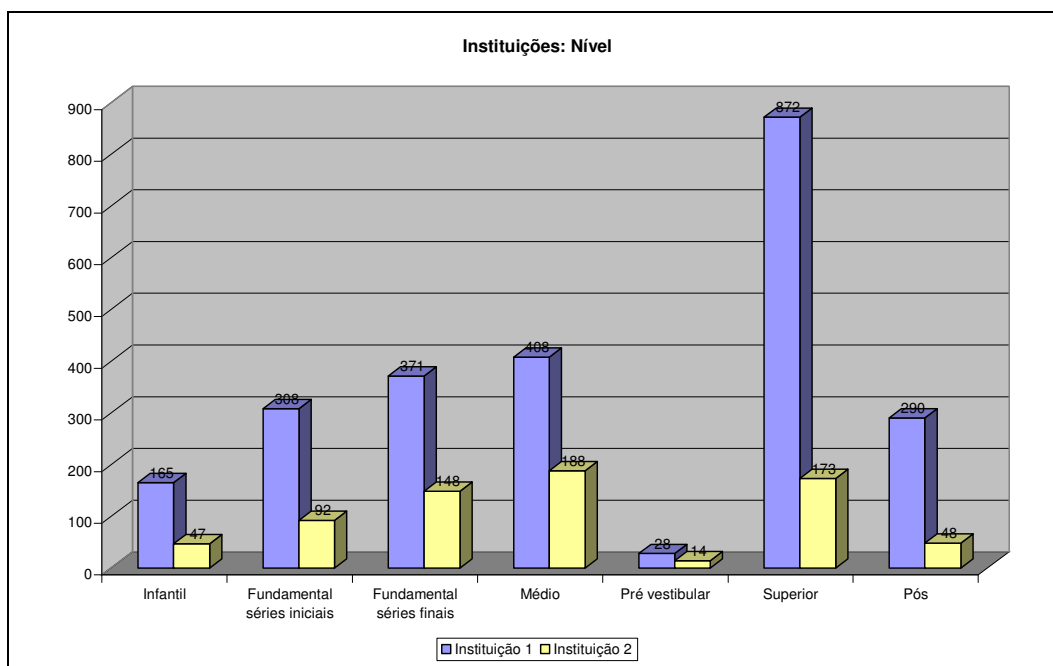


As jornadas semanais de trabalho na instituição variam entre 25 a 40 horas semanais, apesar de encontrarmos jornadas bem superiores a estes patamares, destacando um volume de quase 10% de pessoas acima das 51 horas semanais de trabalho, uma vez que é preciso considerar as somas de jornadas nos casos de docentes que trabalham em mais de uma instituição de ensino.

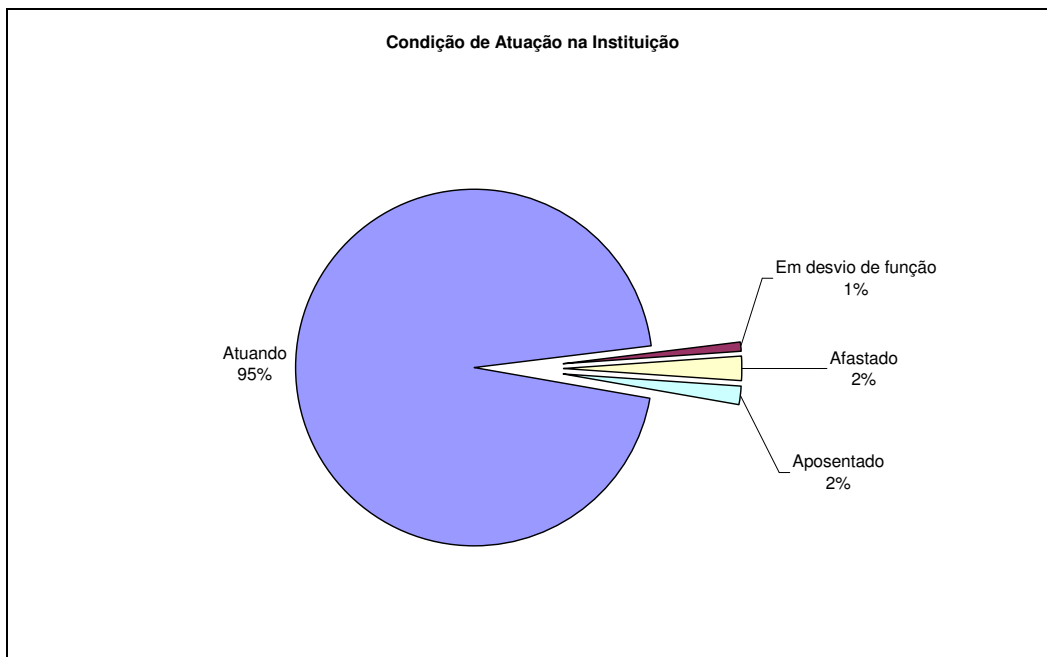


Sobre a atuação nas instituições de ensino privado.

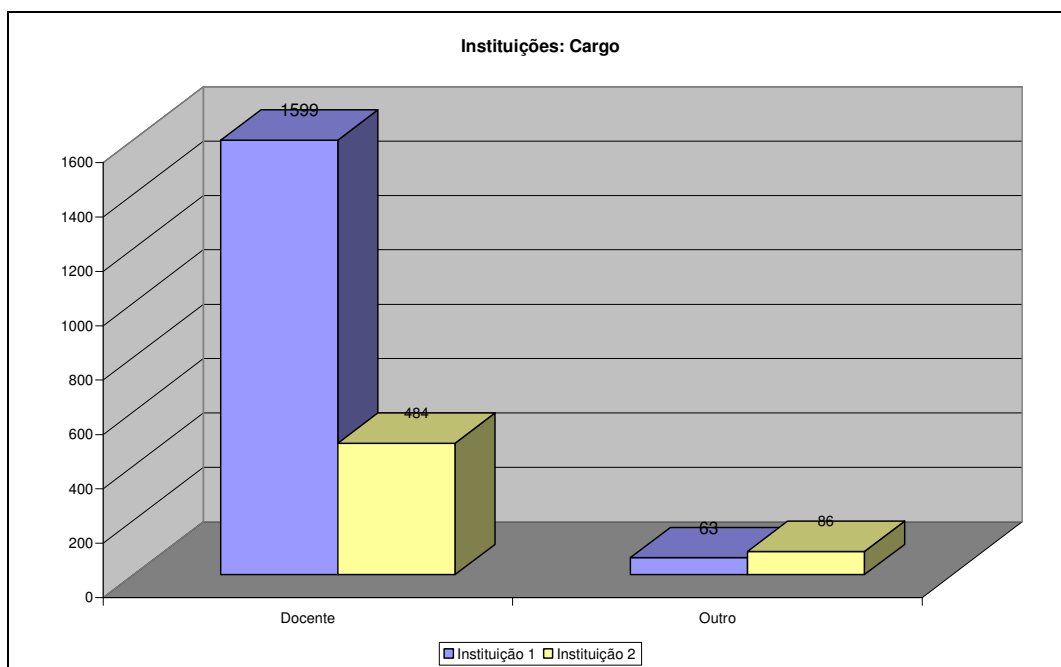
Quanto à distribuição dos docentes entre os diversos níveis de ensino, temos um razoável equilíbrio entre estes, com um volume maior para a educação básica. É importante considerar que o mesmo docente pode atuar em mais de um nível educacional, mesmo que dentro da mesma instituição de ensino.

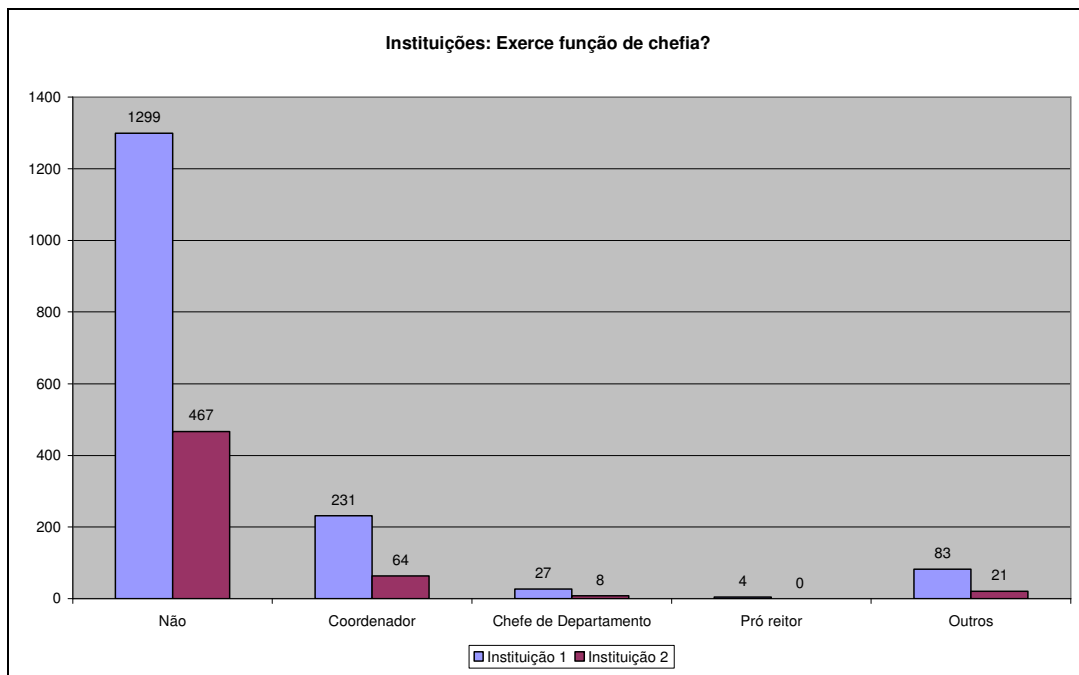


Nossa população concentrou-se, basicamente em profissionais que estão exercendo sua função cotidianamente, aparecendo baixos níveis de afastamento e de desvio de função entre os respondentes. Isto já havia sido percebido durante a etapa de entrevistas, onde os participantes, na sua grande maioria, seguiam exercendo suas funções originais.

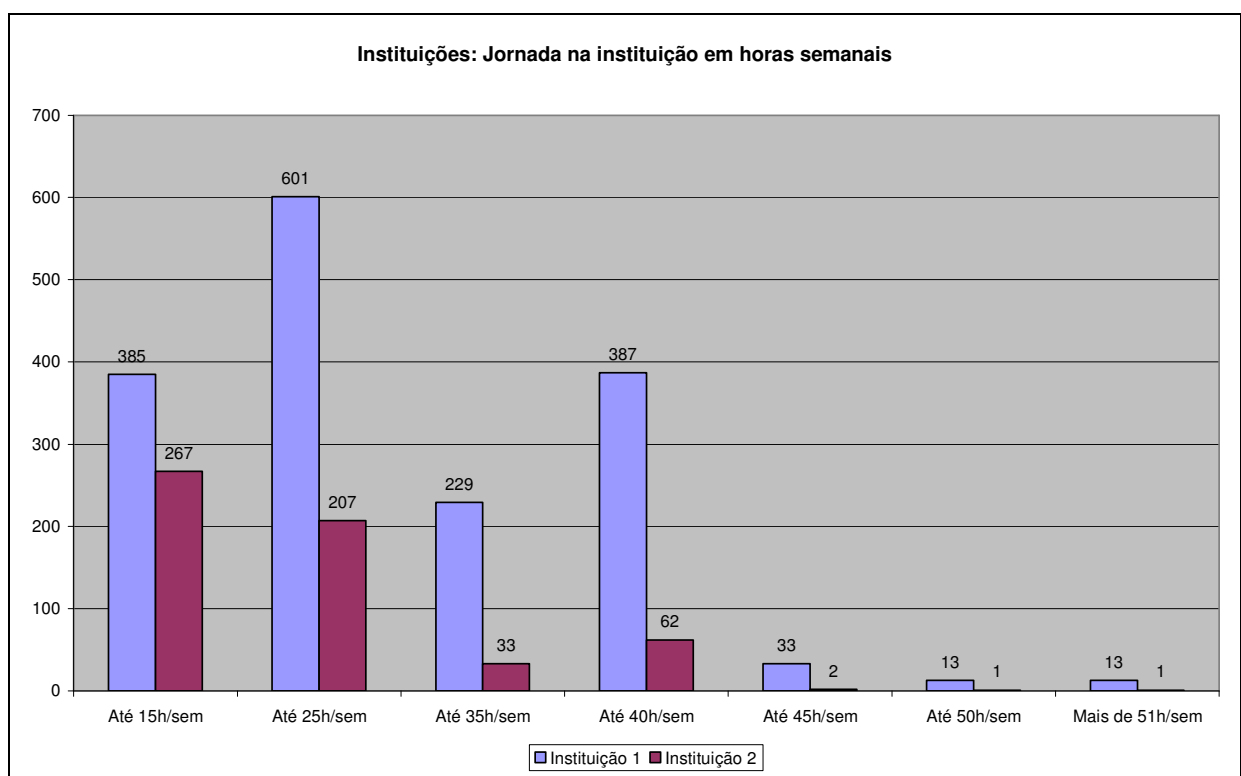


Relacionada a este tema, uma característica mais comum no ensino superior, trata do acúmulo de funções dentro de uma mesma instituição, isto é, um docente que é também coordenador de curso, ou supervisor ou pesquisador, ou exerce ainda outra função administrativa na mesma instituição em que leciona, sem alteração de cargo.

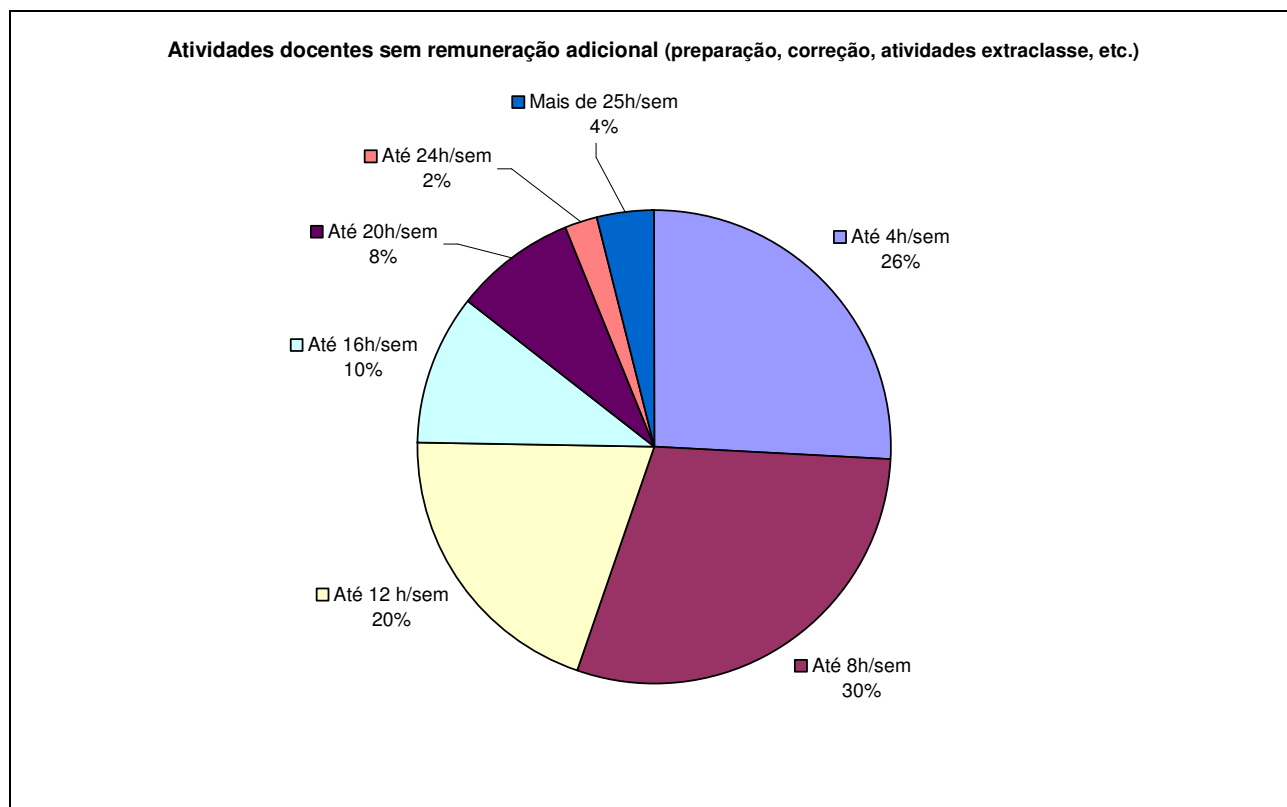




Novamente, falando sobre a jornada semanal, temos que, recortando apenas as instituições de ensino privado, notamos uma grande concentração (72,44%) nas jornadas entre até 25 e 40 horas semanais para uma primeira instituição, e entre até 15 e 25 horas semanais (82,73%), quando computada a instituição de número dois.

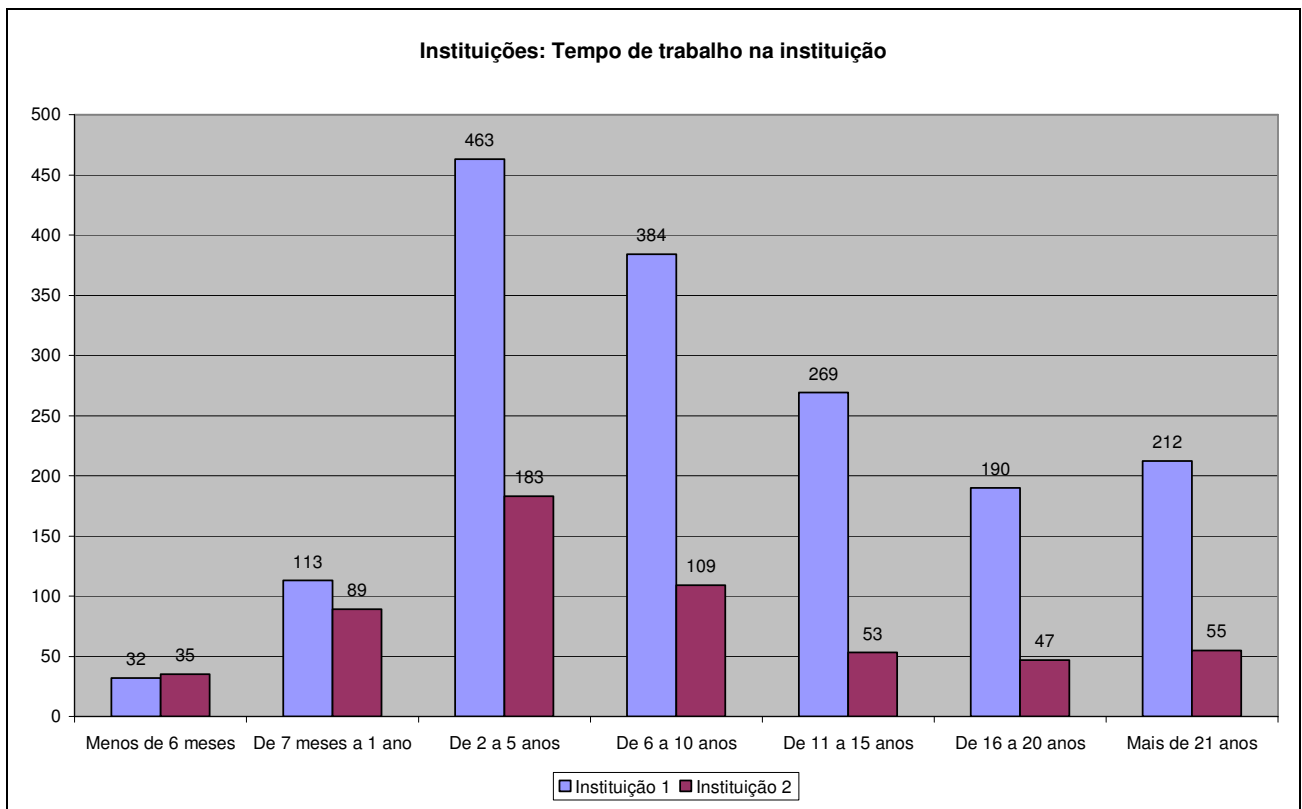


Devemos considerar ainda que, além da jornada declarada na instituição, freqüentemente os professores realizam diversas atividades docentes sem remuneração adicional, tais como: preparação, correção e outras atividades extra-classe. Estas atividades representam de 4 à 16 horas adicionais, por semana, na jornada de trabalho para 86% dos docentes.



O fato de muitos profissionais mencionarem vínculo com apenas uma instituição de ensino não significa redução no número de deslocamentos destes profissionais, pois, no caso do ensino privado, isso acaba ocorrendo dentre edifícios da mesma instituição de ensino. Em alguns casos, isto implica em um deslocamento entre diferentes cidades, diversas vezes na mesma semana.

Chama a atenção também que 24% dos professores gastam de 16 a mais de 25 horas por semana em atividades docentes sem remuneração adicional.



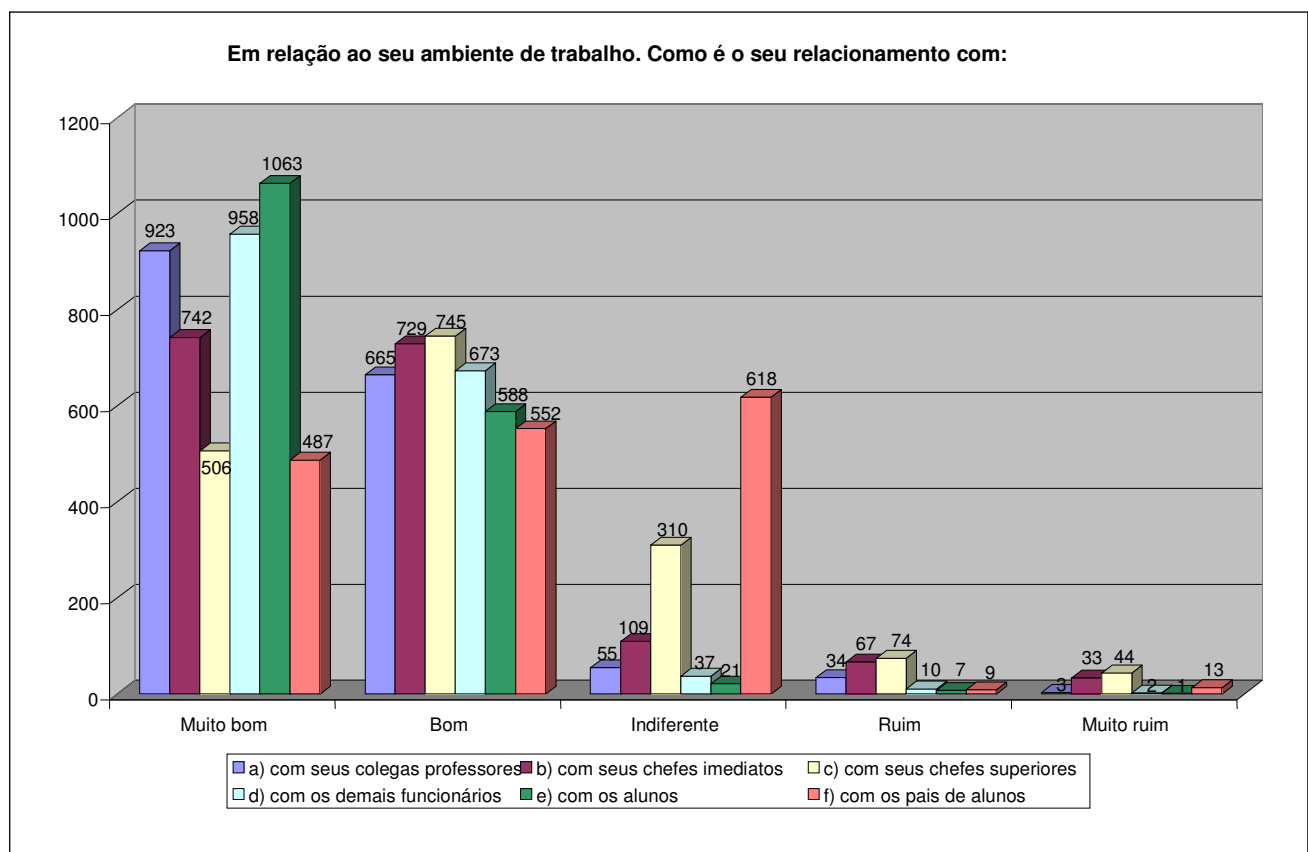
Considerando o tempo de trabalho na instituição é possível perceber uma concentração maior de 2 a 15 anos. Esse dado evidencia o alto grau de conhecimento destes profissionais sobre o próprio trabalho e a instituição de ensino aonde atuam, além de estar em coerência com os dados apresentados no Censo do MEC.

Saúde e Trabalho Docente

Relacionamentos no trabalho

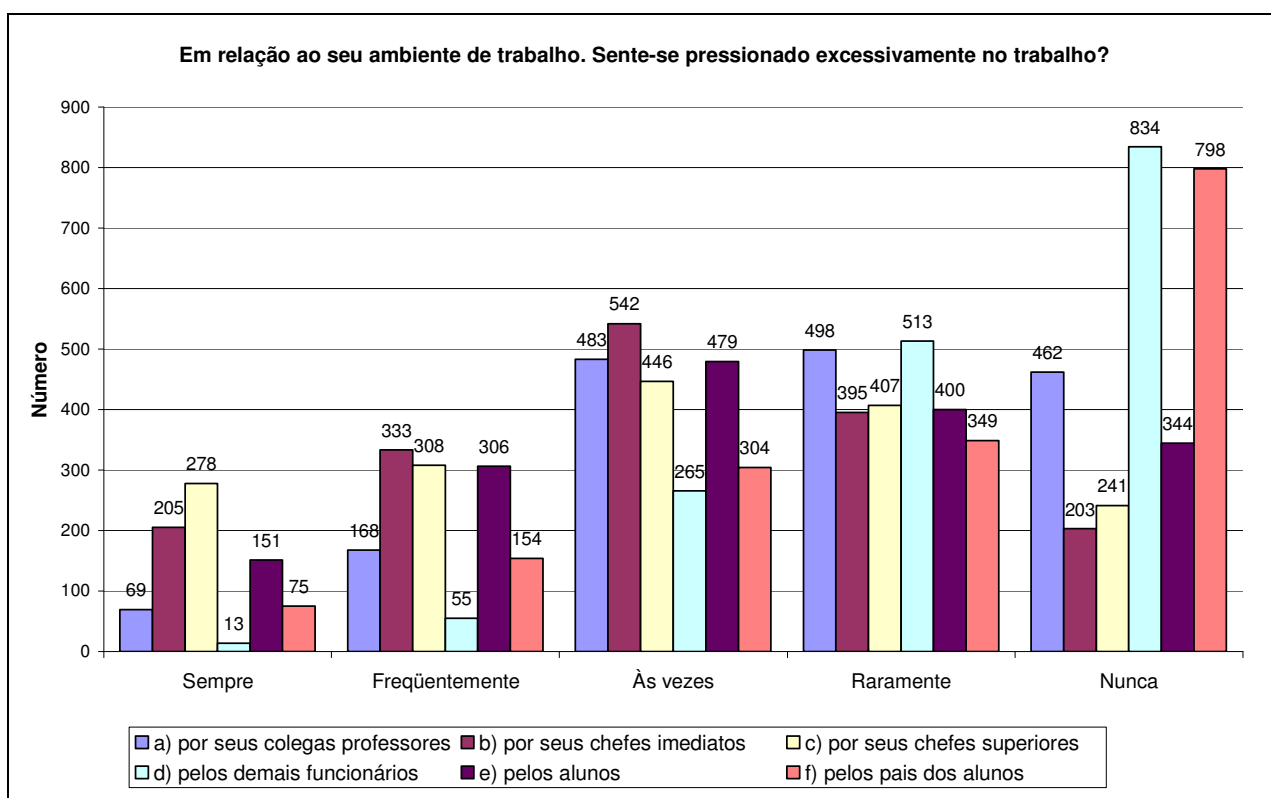
Um dos pontos de destaque nas entrevistas está relacionado à forma e conteúdo dos relacionamentos interpessoais que os docentes encontram no desempenho de seu trabalho.

O gráfico abaixo mostra como os docentes avaliam seu relacionamento com outros colegas professores, com chefes imediatos, chefes superiores, demais funcionários, com alunos e com os pais de alunos. Em geral, estes relacionamentos são avaliados como bom ou muito bom. Merece destaque que o relacionamento com chefes imediatos foi considerado ruim ou muito ruim por cerca de 5% dos docentes, enquanto que cerca de 7% dos docentes avaliaram desta maneira seu relacionamento com chefes superiores.



Pressão e Trabalho Docente

Foi avaliada também pelos docentes a percepção de pressão no trabalho exercida por colegas professores, chefes imediatos, chefes superiores, funcionários, alunos e pais de alunos. Aqui merece destaque o alto índice de docentes que se sentem pressionados no trabalho sempre ou freqüentemente por chefes superiores (35%), por chefes imediatos (32%), por alunos (27%), por outros colegas professores (14%) e pais de alunos (14%), em contraste com os demais funcionários (cerca de 4%). Abaixo o gráfico com números absolutos.

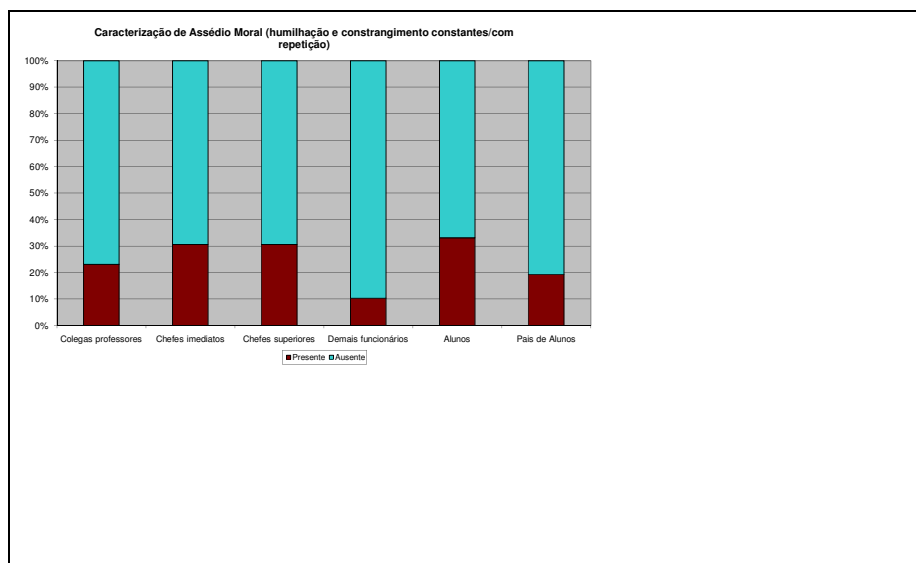


Assédio Moral: Humilhação e constrangimento no trabalho

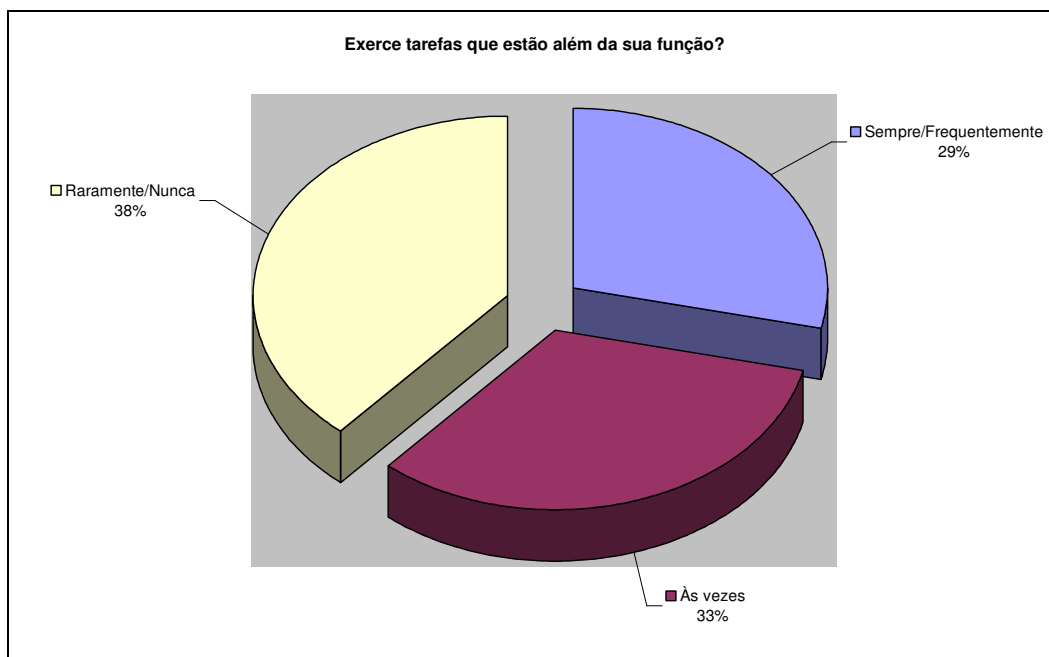
Um dos mais sérios e crescentes problemas de saúde relacionados ao trabalho, o assédio moral pode ser definido como qualquer conduta abusiva [gesto, palavra, comportamento, atitude...] que atente, por sua repetição, contra a dignidade ou integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho.

Nas entrevistas este foi tema presente e fortemente apontado por docentes como um dos fatores que causam sofrimento mental, emocional e desgaste físico no trabalho.

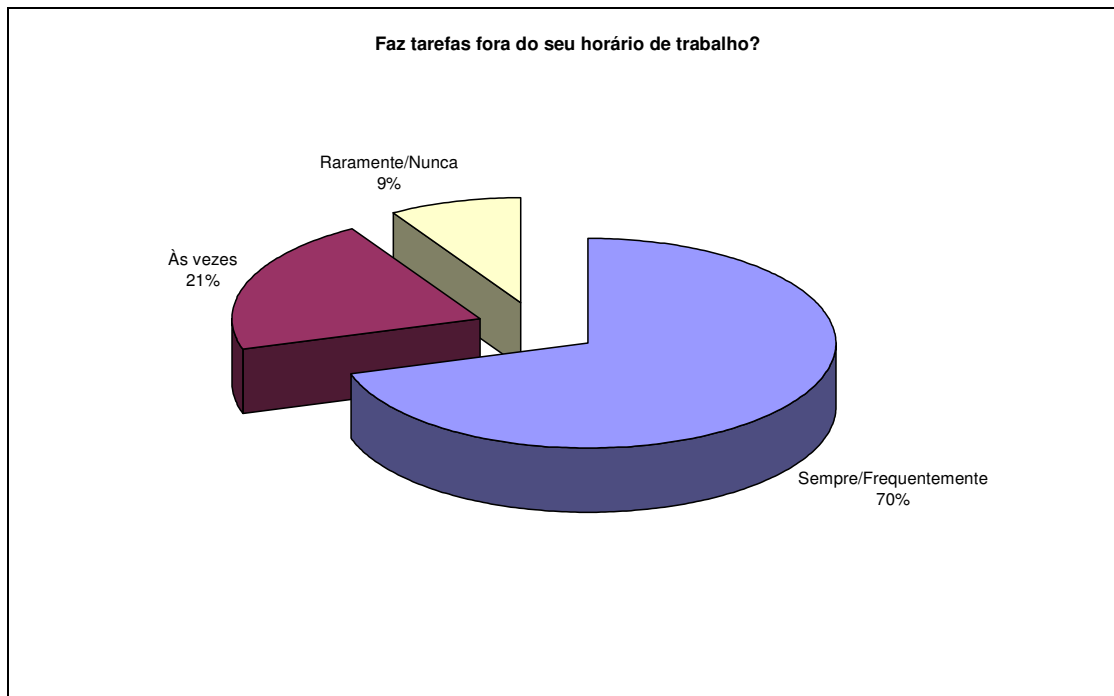
No gráfico a seguir tornam-se evidentes as principais fontes de assédio moral no trabalho docente: alunos (33%), chefes imediatos (31%), chefes superiores (31%), colegas professores (23%), pais de alunos (19%) e demais funcionários (10%).



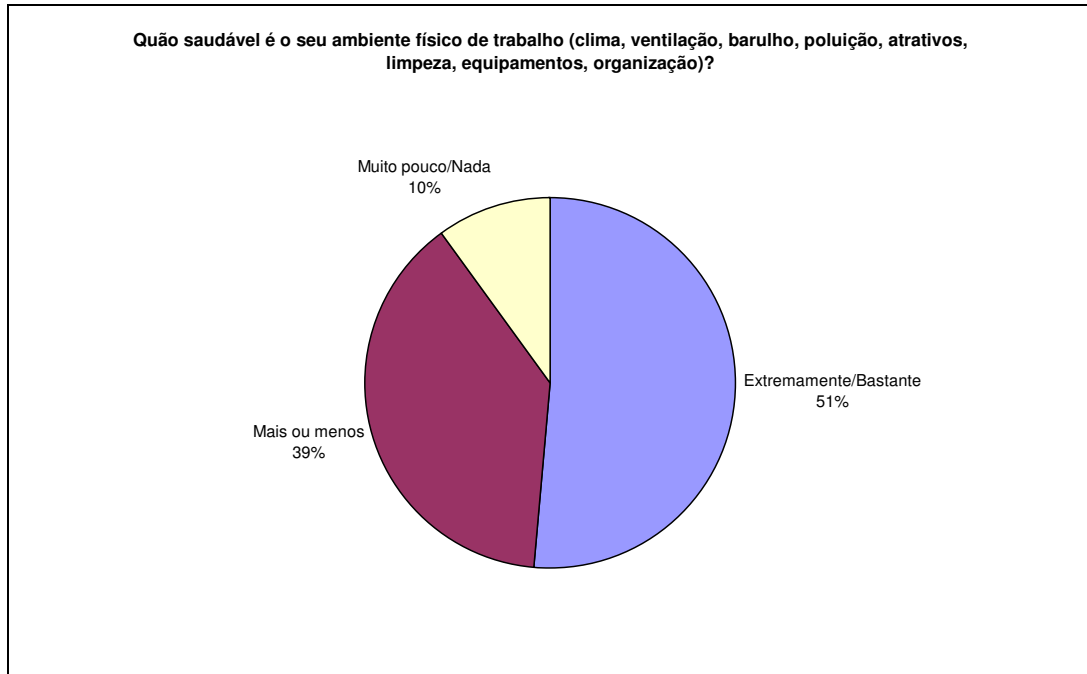
Outra característica que pode estar relacionada ao assédio moral no trabalho está presente no dado de que 29% dos docentes exercem tarefas que estão além de sua função sempre ou freqüentemente, conforme mostra o gráfico abaixo.



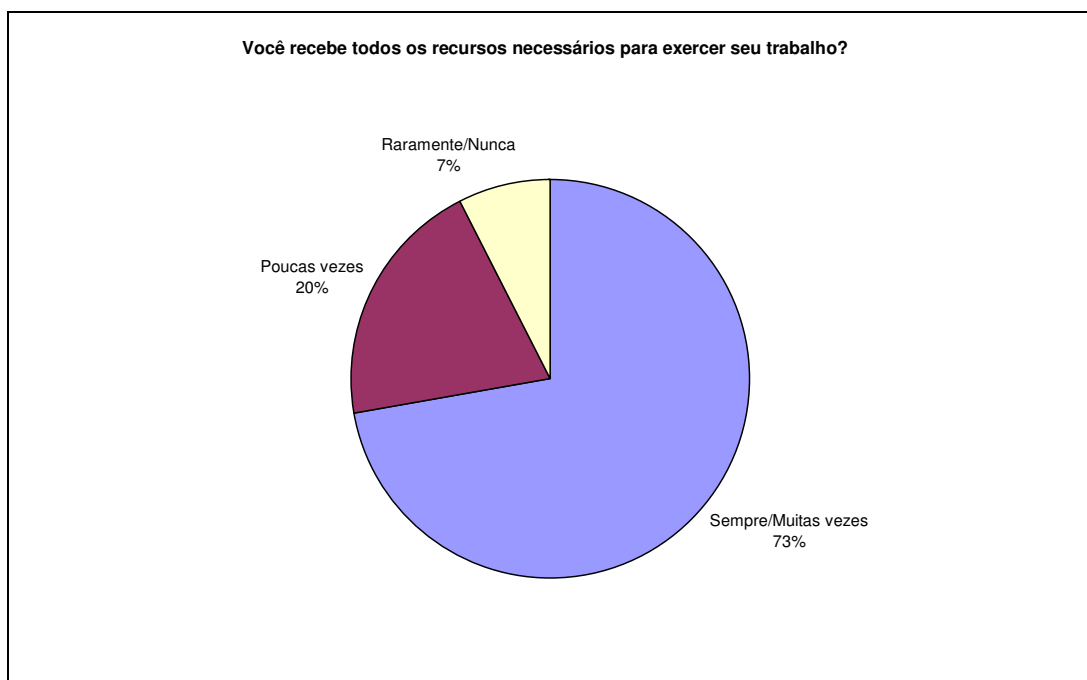
Essa situação é agravada pelo fato de 70% dos professores sempre ou freqüentemente realizarem tarefas docentes fora de seu horário de trabalho, muitas vezes em prejuízo de seu horário de lazer e descanso.



Sobre o ambiente físico de trabalho (clima, ventilação, barulho, poluição, atrativos, limpeza, equipamentos e organização), 51% dos docentes consideram extremamente ou bastante saudável.

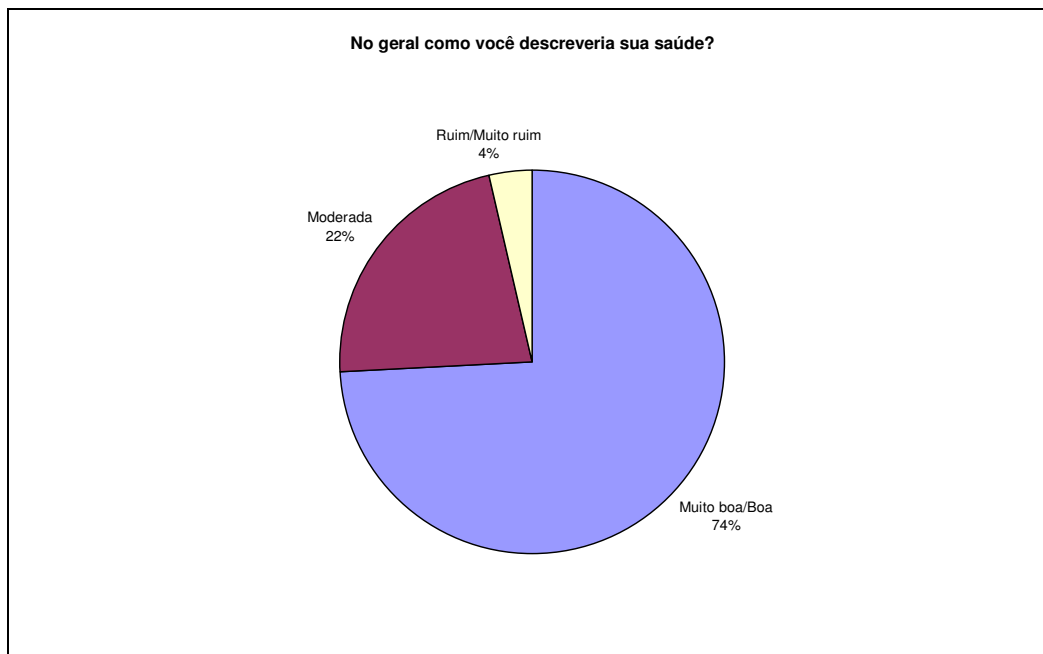


A maioria dos docentes (73%) considera receber todos os recursos necessários para exercer seu trabalho.

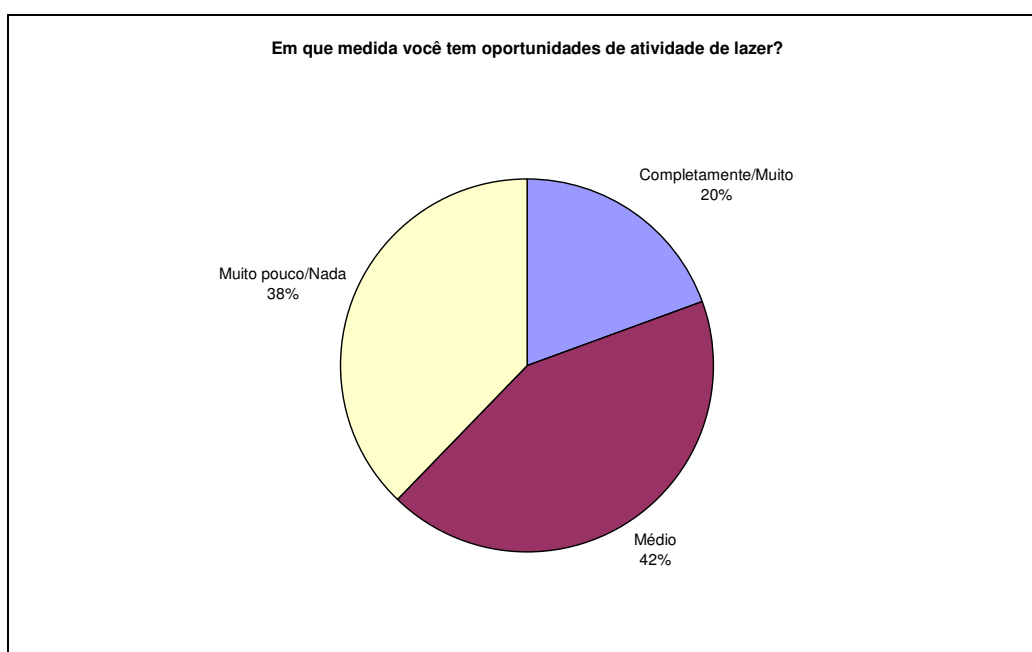


Condições de Saúde

Em geral, os docentes têm uma percepção positiva de sua saúde, 74% a consideram muito boa ou boa, sendo que 22% consideram sua saúde moderada e 4% a consideram ruim ou muito ruim.

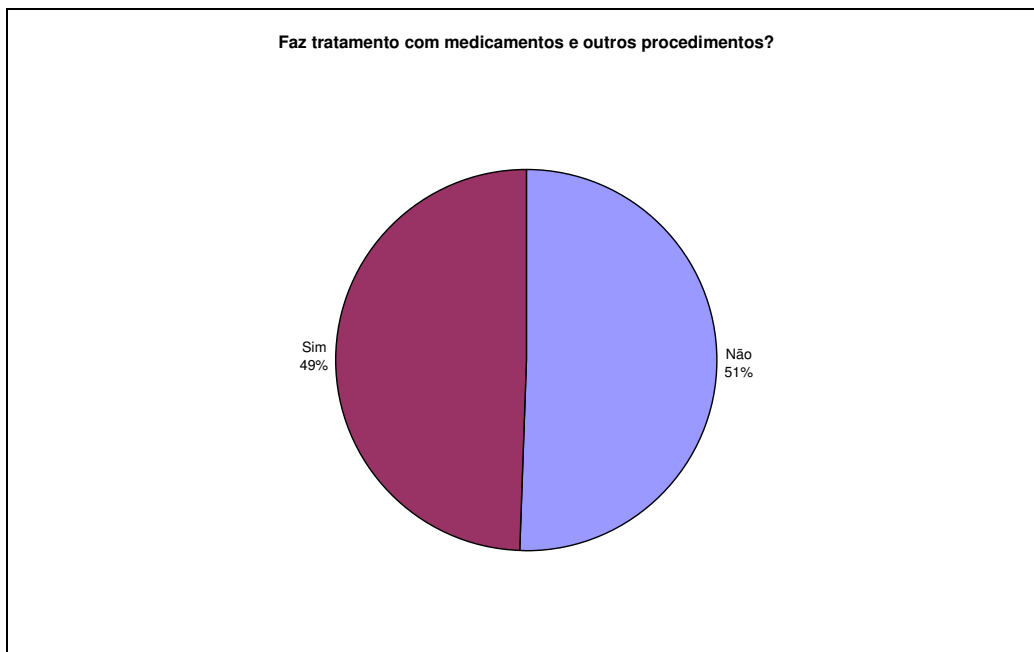


Em relação ao lazer, 38% dos docentes consideram ter nada ou muito pouco acesso a oportunidades de lazer, enquanto outros 42% consideram este acesso como mediano e somente 20% dizem ter bom acesso a oportunidades de lazer.

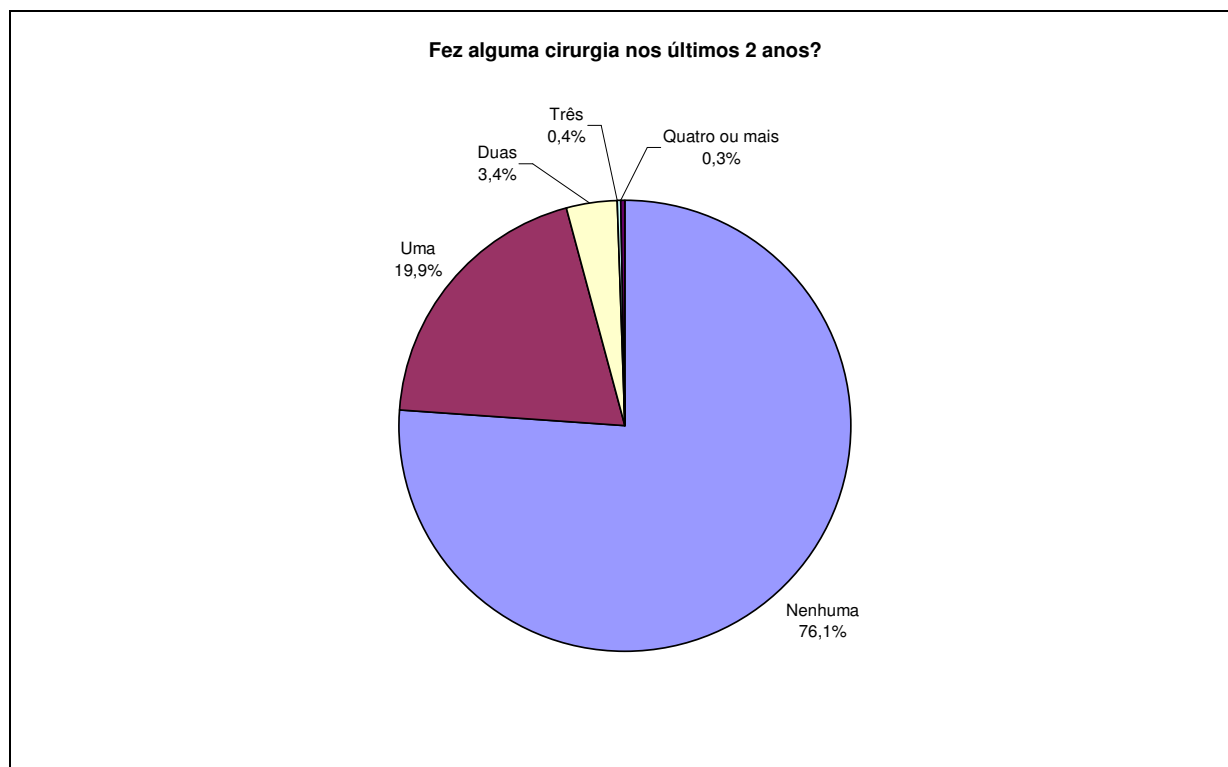


Tratamentos e Medicamentos

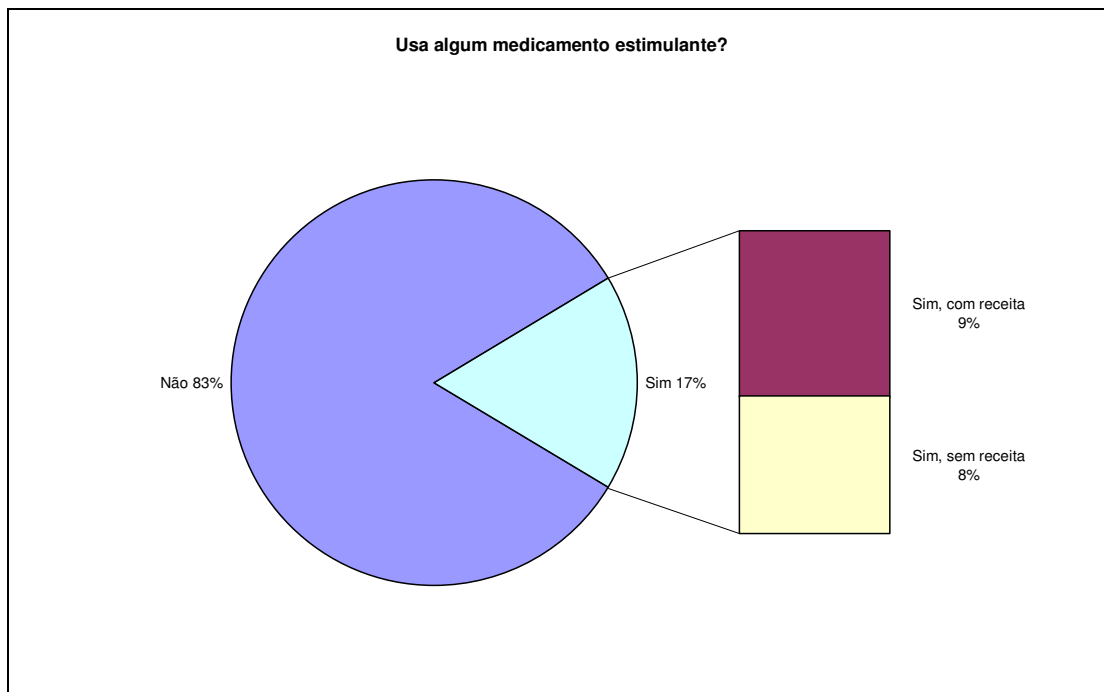
Um alto número de docentes diz fazer tratamento com medicamentos e outros procedimentos, representando quase a metade (49%) dos docentes.



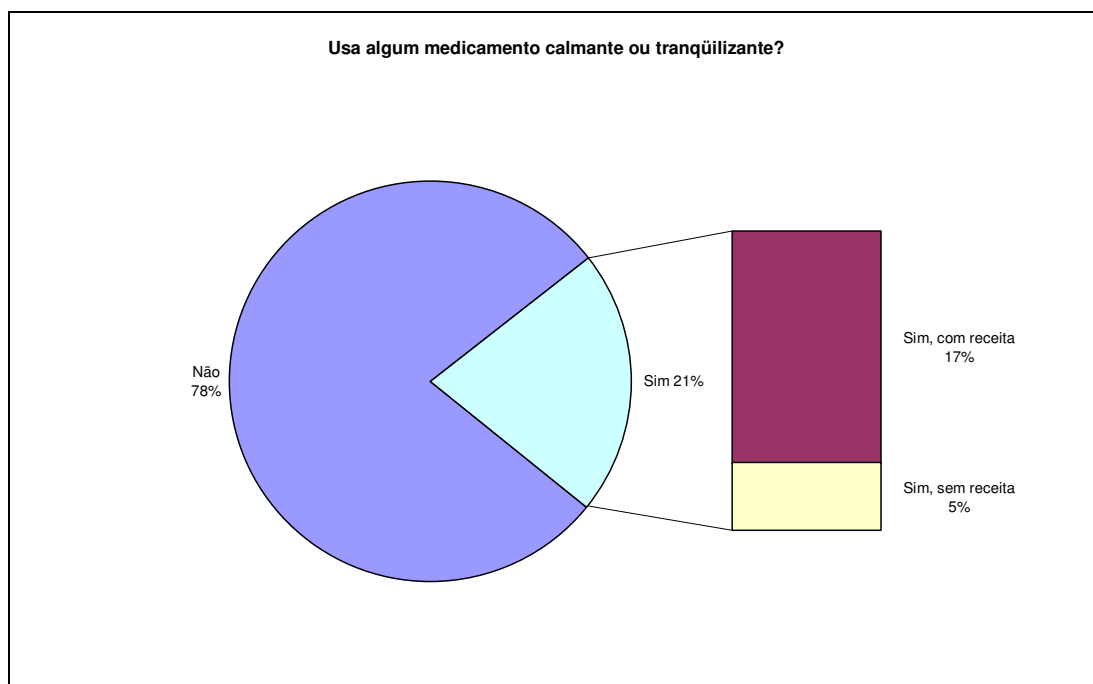
Nos últimos dois anos, 24% dos docentes afirmam ter passado por ao menos um processo cirúrgico.



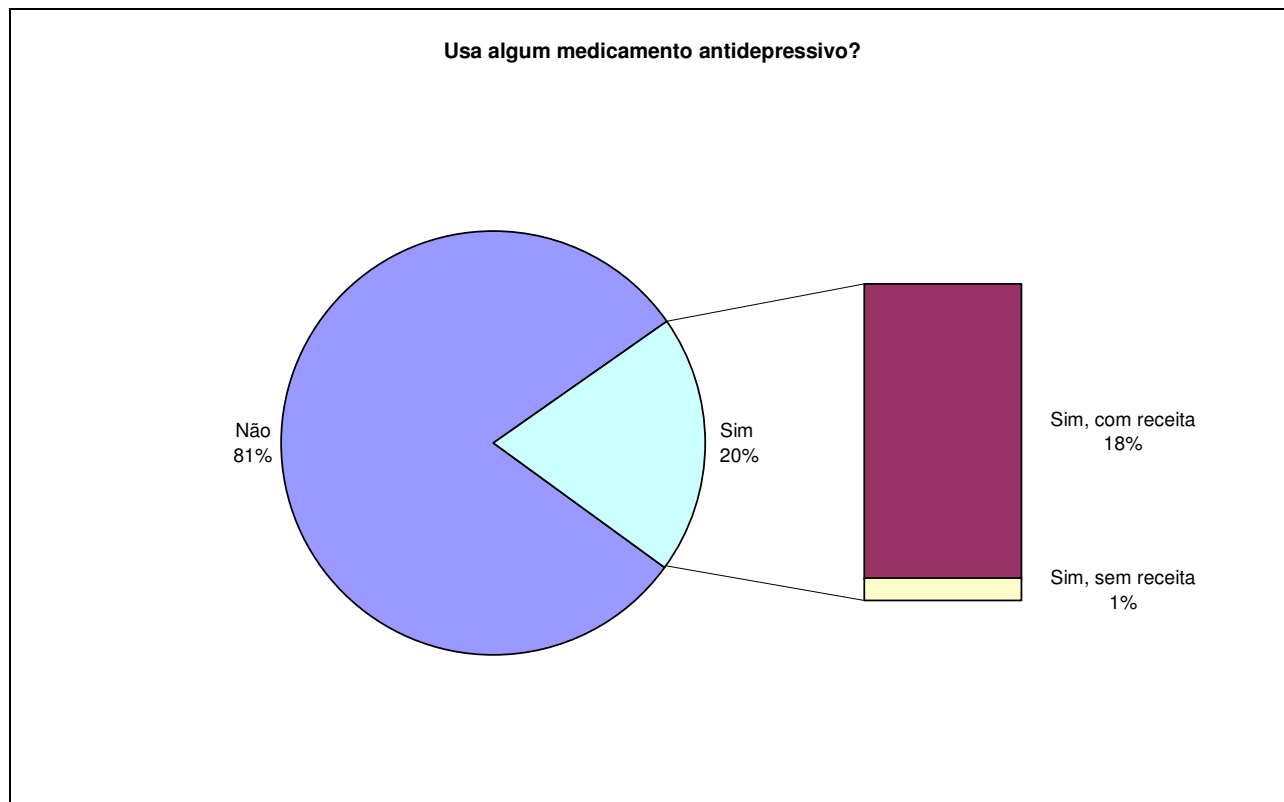
Uma das formas encontradas para combater este cansaço e esgotamento é o uso de medicamentos estimulantes ou tranqüilizantes. Quanto aos medicamentos estimulantes, 17% dos docentes dizem que o utilizam, sendo que destes, quase a metade sem receita médica.



Já 21% dos docentes fazem uso de algum medicamento calmante ou tranqüilizante, sendo a maioria com receita médica.

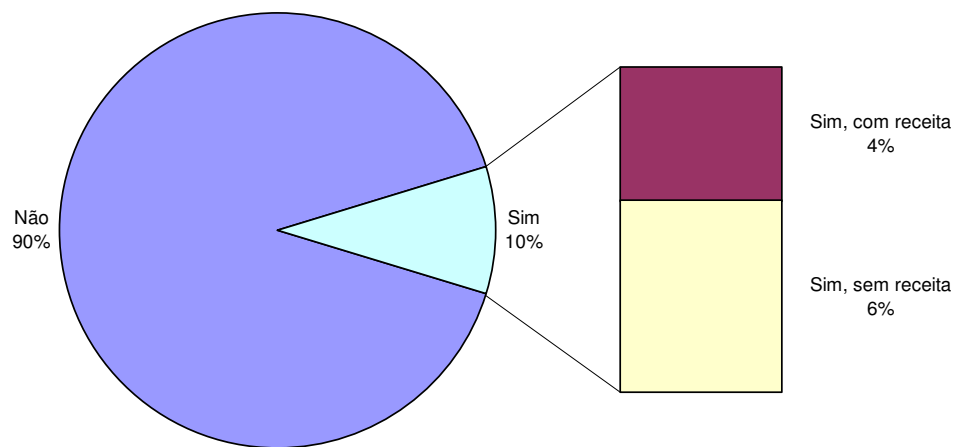


Um alto número de docentes (20%) diz utilizar medicamento antidepressivo, sendo a maioria com receita médica. É importante co-relacionar este dado com o forte índice de assédio moral e pressão no trabalho, fatores que geralmente desencadeiam processos depressivos intensos.

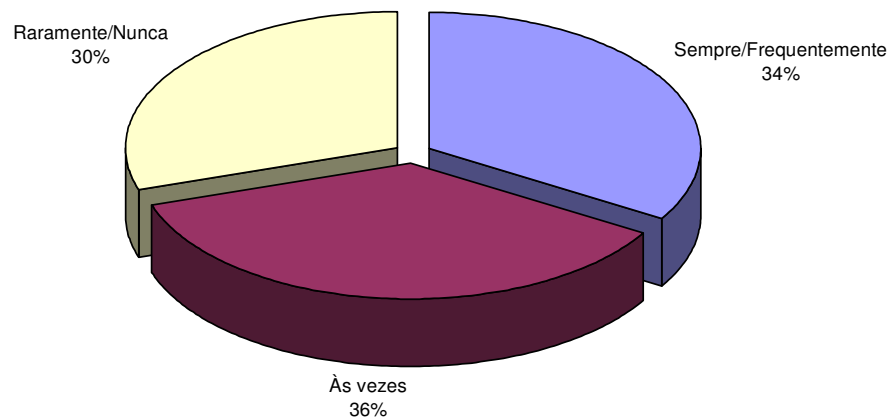


O uso de medicamentos para memória, com e sem receita, estão associados a processos de estresse e esgotamento. Volta a ser marcante o fato do uso de medicamentos sem receita, assim com no caso dos antidepressivos e dos antipsicóticos, que nos indicam o receio da descoberta de seu adoecimento pelos colegas ou pela instituição onde trabalham, temendo demissões ou reprimendas.

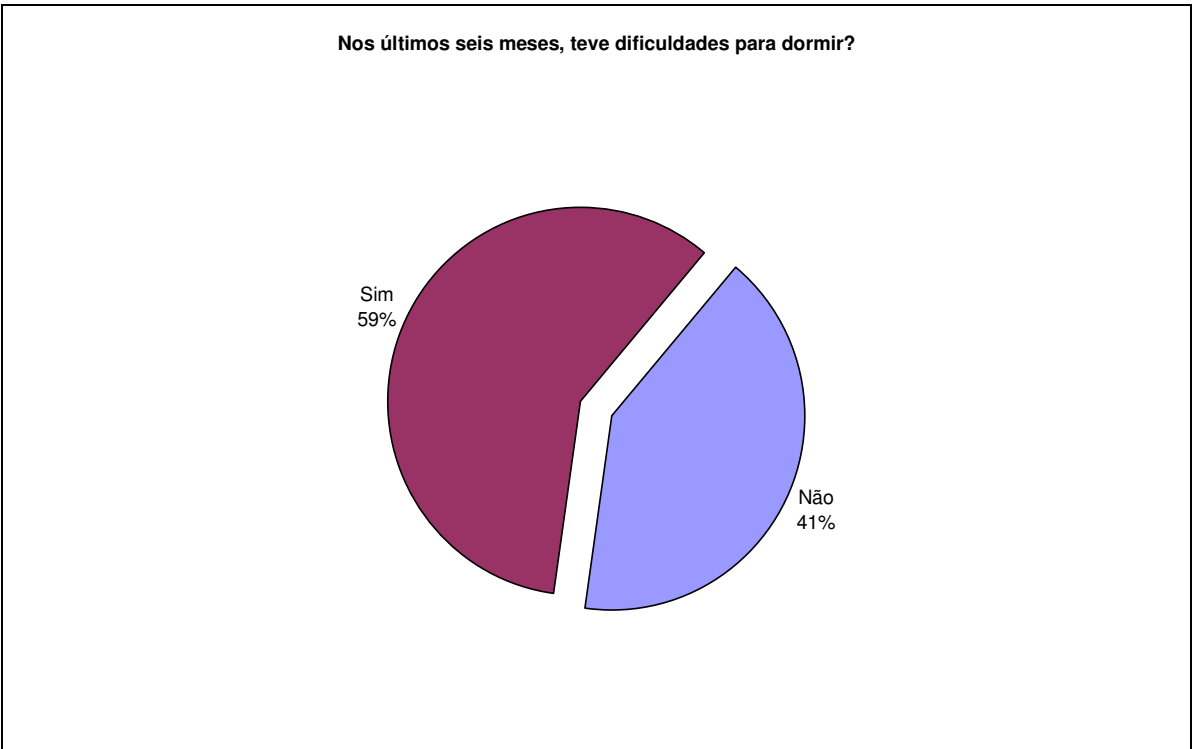
Usa algum medicamento para memória?



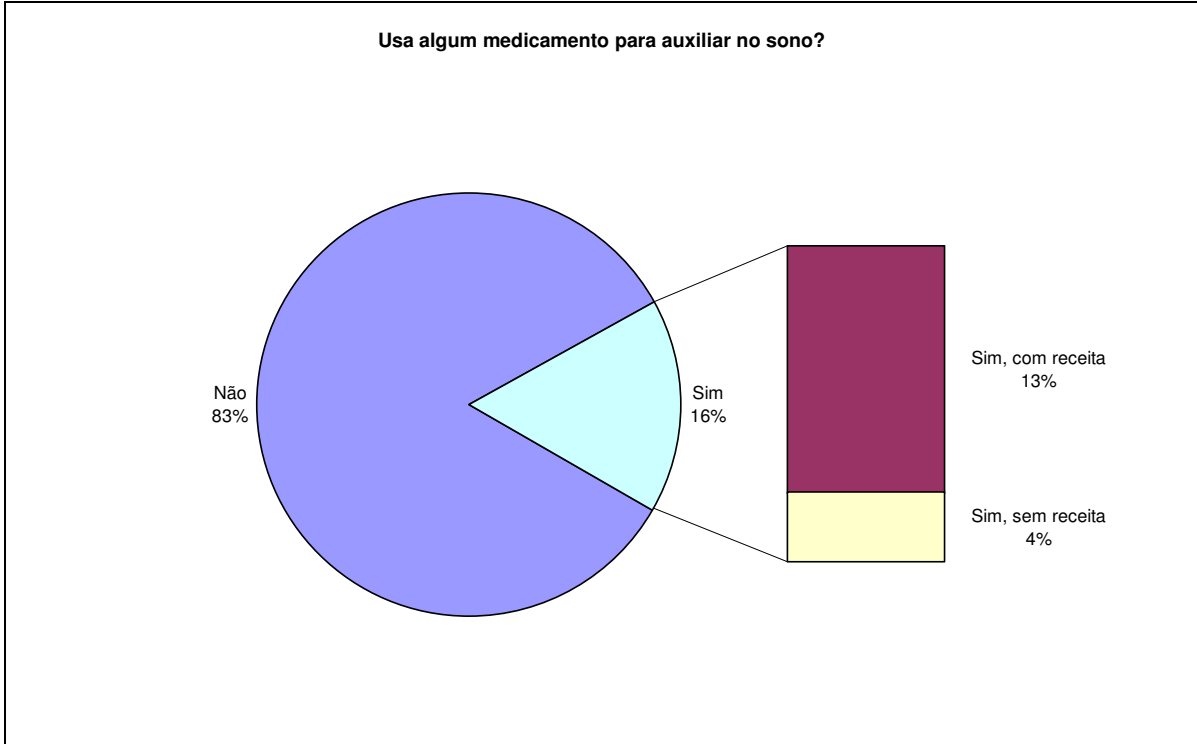
Nos últimos seis meses, vem apresentando dificuldades de concentração ou de memória?



Os problemas de memória e de sono, bem como sinais de ansiedade e forte tensão foram também relatados durante as entrevistas.

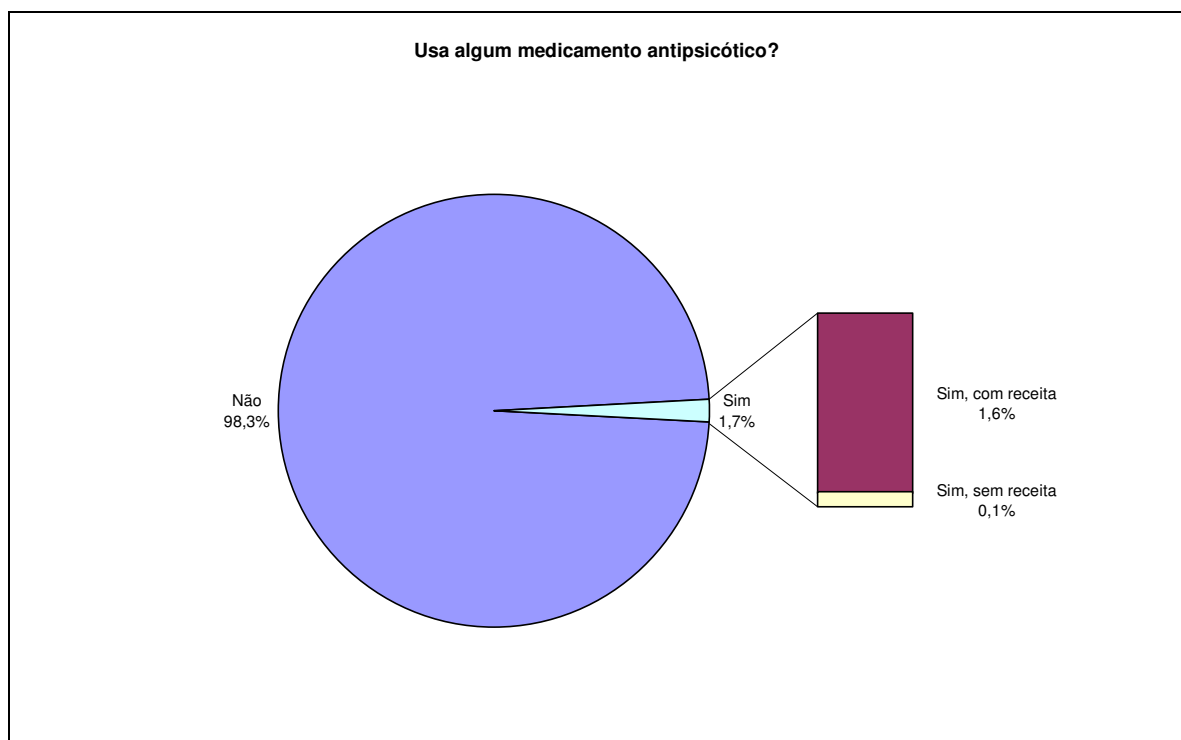


Para 59% dos docentes as dificuldades para dormir representaram um problema nos últimos seis meses, sendo que 16% recorreram ao uso de medicamentos para auxiliar no sono.



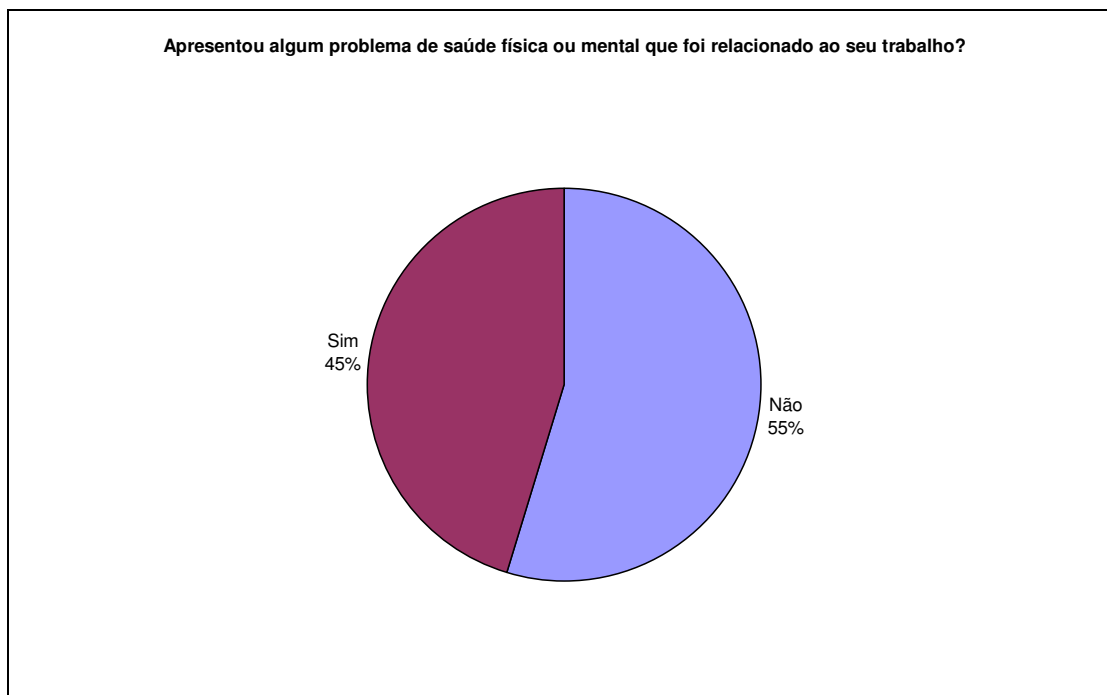
Recentemente temos visto os medicamentos antipsicóticos serem utilizados em casos de relato de sintomas de ansiedade, estados de tensão, distúrbios de sono e emocionais. As informações seguintes sobre dificuldade de sono e uso de medicamentos para auxiliar no sono reforça a hipótese de uso dos antipsicóticos no tratamento destes sintomas.

As informações sobre o conjunto de medicamentos em uso pelos docentes nos remetem à tentativa de minimizar efeitos gerados por situações de muito estresse, de assédio moral, e *burnout*, ou esgotamento profissional.

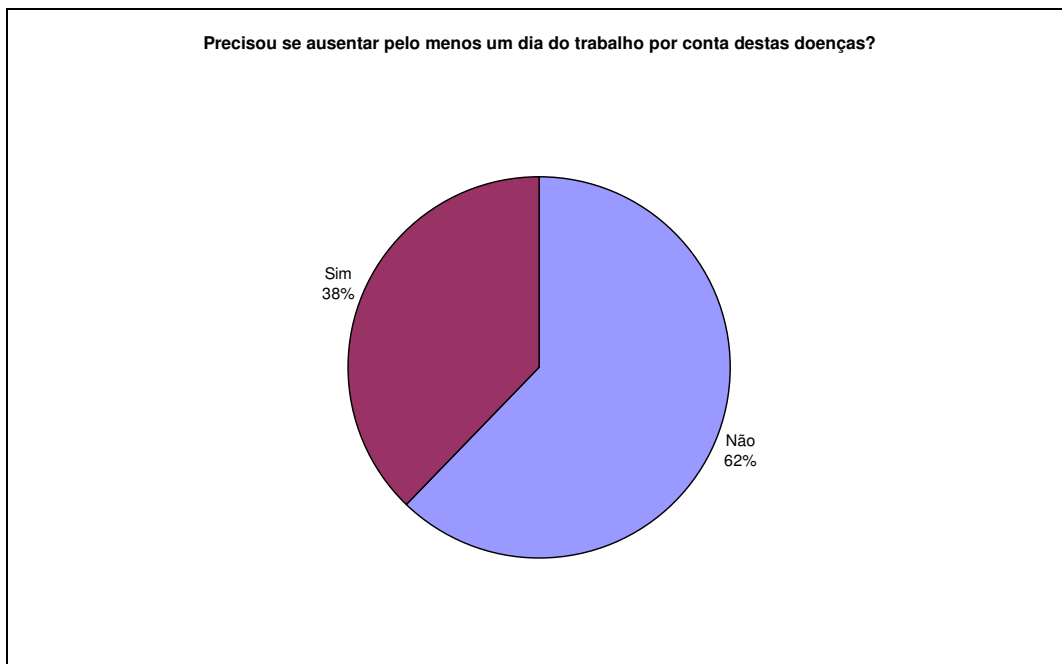


Relação Trabalho e Saúde

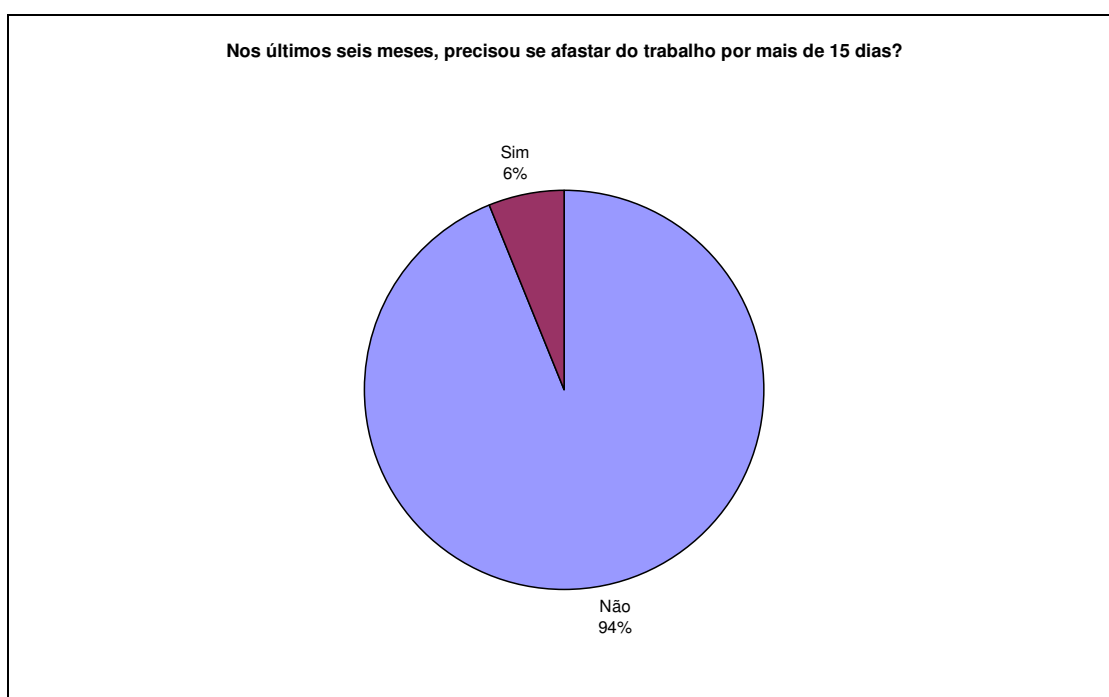
Quando questionados diretamente sobre problemas de saúde física ou mental relacionados ao trabalho, um alto número de docentes (45%) diz já ter apresentado um destes problemas, conforme mostra o gráfico abaixo.



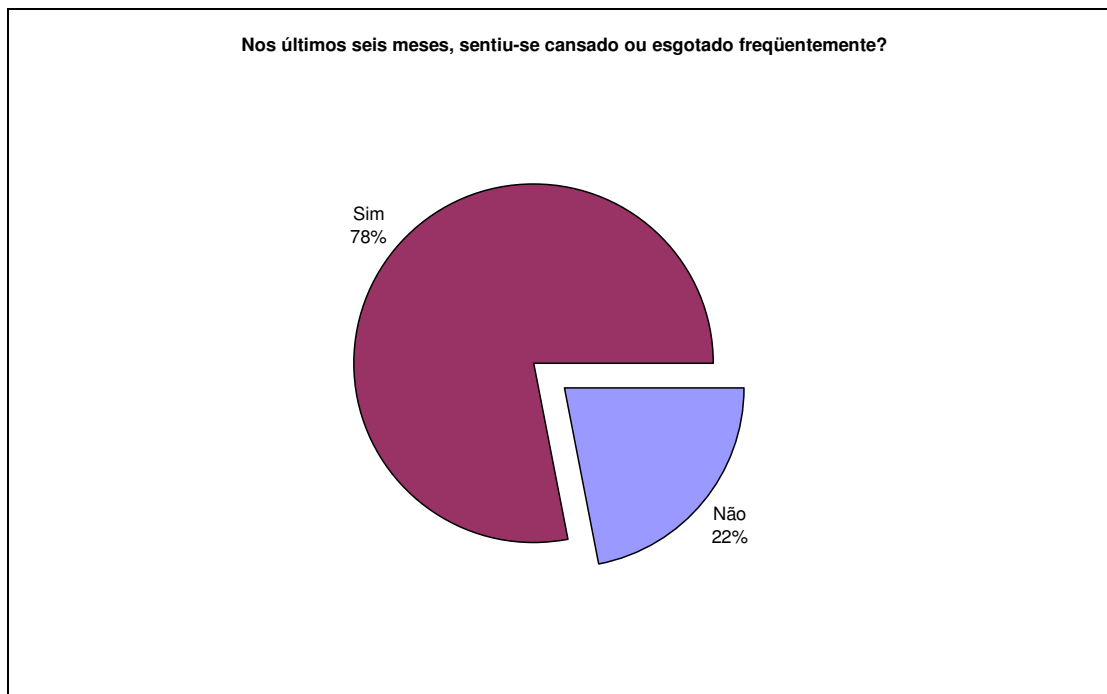
Estas doenças e problemas de saúde obrigaram 38% dos docentes a se ausentar do trabalho ao menos por um dia em período determinado, conforme mostra o gráfico abaixo. Esse dado deve ser correlacionado ao grande número de docentes que afirmaram nas entrevistas ser constante a prática de trabalharem mesmo apresentando algum problema de saúde, e verificarem o mesmo em colegas professores.



No entanto, apenas 6% dos docentes se afastaram do trabalho por mais de 15 dias nos últimos seis meses. Esse dado reforça a afirmação em entrevistas de que os docentes preferem não se afastar do trabalho para cuidar da saúde. Nas entrevistas o temor de demissão e a pressão de chefias foram apontados como fatores que motivaram esta decisão. Outro fator que pode ser considerado é a pressão exercida para a não caracterização de acidente de trabalho e auxílio-doença junto ao INSS, o que se torna obrigatório em afastamentos de mais de 15 dias.



A grande maioria dos docentes (78%) apontou cansaço e esgotamento freqüentes nos últimos seis meses. Nas entrevistas identificamos o início dos períodos letivos, os finais de semestre e o final de ano como momentos onde este cansaço e esgotamento são mais intensos.



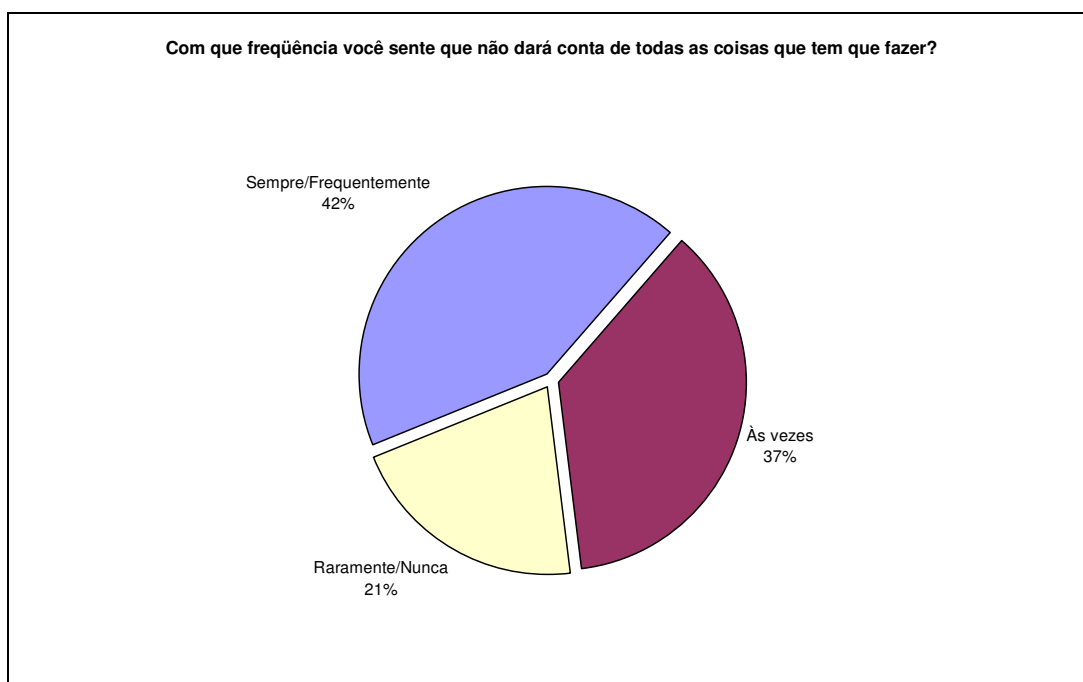
No relato de um docente estabelecendo relação entre o excesso de tarefas, o cansaço decorrente destas e o impacto que este processo tem em sua vida, sobretudo no que diz respeito à saúde física:

“Questão do cansaço... eu vejo em mim e em outros colegas que o dia termina – a gente para 10 para meio dia – e eu não sei se eu sento se continuo se me preparo para o resto do dia que tenho, outras turmas, ou se eu fico ali quietinha, curtindo, parada, tentando me re-energizando...”.

“Não tenho vontade de fazer uma atividade física, não consigo organizar uma atividade física para mim, tanto que é que adquiri algum peso nos últimos anos e de não dar conta de ir buscar outras coisas, outras atividades porque tenho que dar conta daqui”.

A relação entre o excesso de tarefas e as deficiências na organização do trabalho nas instituições de ensino, fica evidente através da fala de um docente ao relatar a conexão entre a exigência de satisfação do aluno e o excesso de tarefas e responsabilidades docentes:

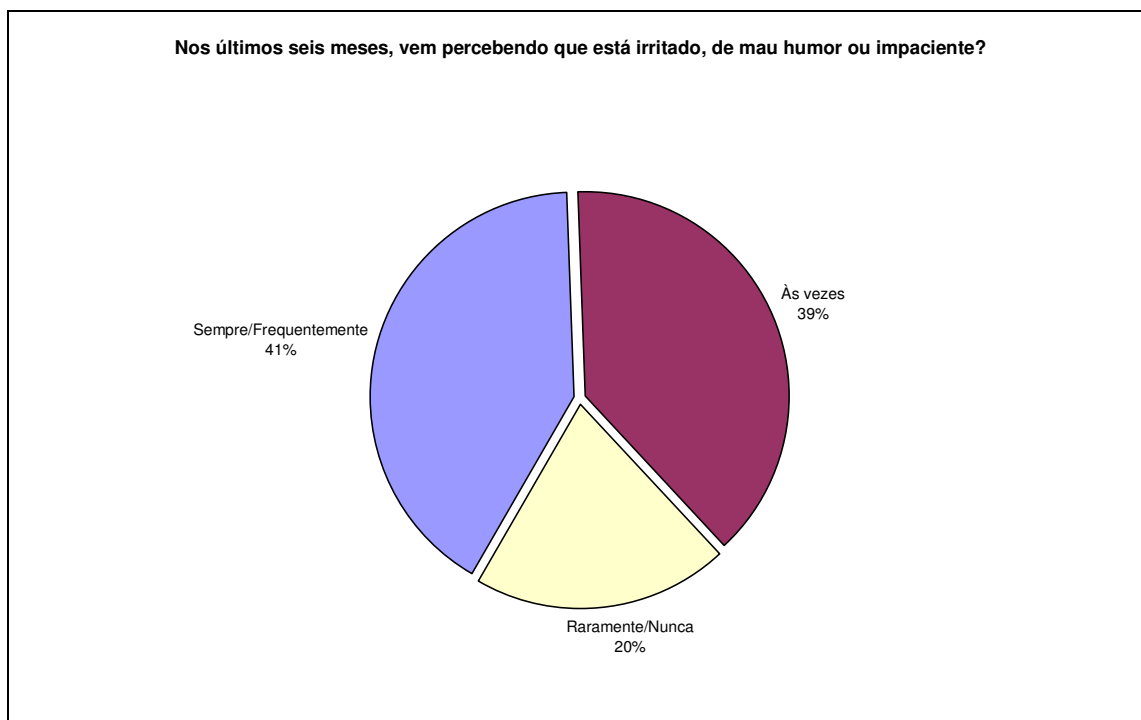
“A gente acaba assumindo uma responsabilidade absurda que muitas vezes a escola não te dá suporte nenhum para isso. Então, tudo isso vai te gerando um acúmulo de responsabilidades que vão além do fazer pedagógico. Ao invés de eu estar aprimorando o meu conhecimento e poder trabalhar isso melhor em sala de aula a gente acaba trabalhando muitas outras responsabilidades que têm a ver com a satisfação do aluno enquanto escola e não enquanto espaço de aprendizagem, mas enquanto espaço de satisfação”



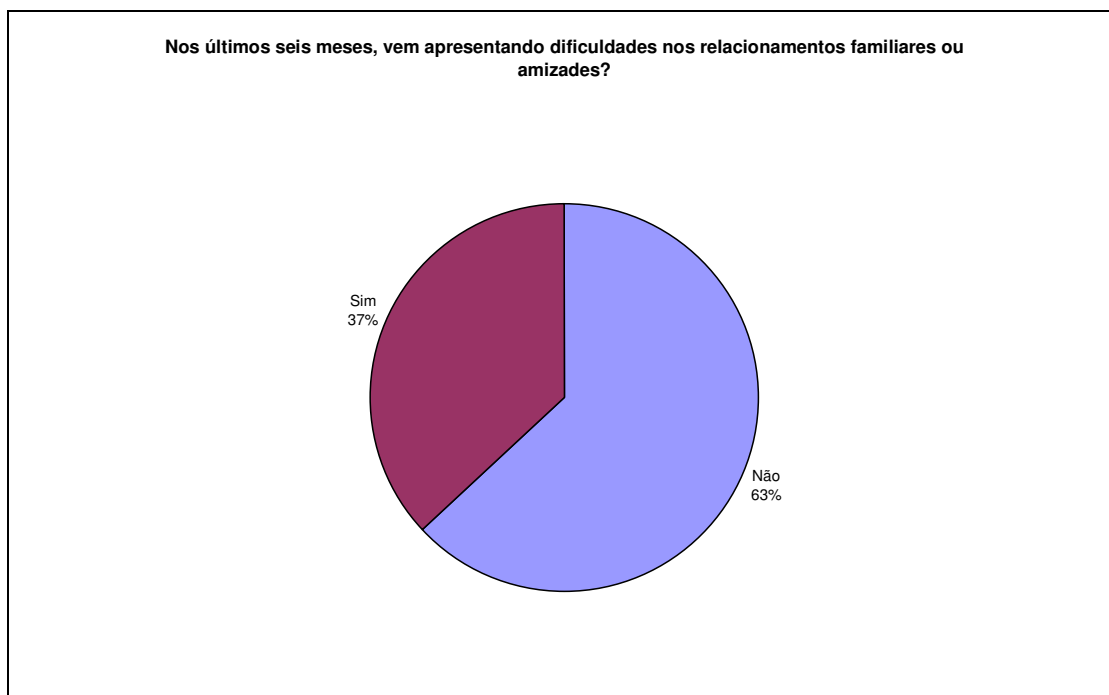
Significativo o número de docentes que acreditam que não conseguirão cumprir todas as suas atividades diárias (42%). Isto pode ser indicativo da reação ao excesso de tarefas cotidianas, associado a um excesso de cobranças por desempenho, que podem levar à sensação de

insatisfação ou ineficiência na realização das tarefas cotidianas e do trabalho, e por fim ao esgotamento profissional.

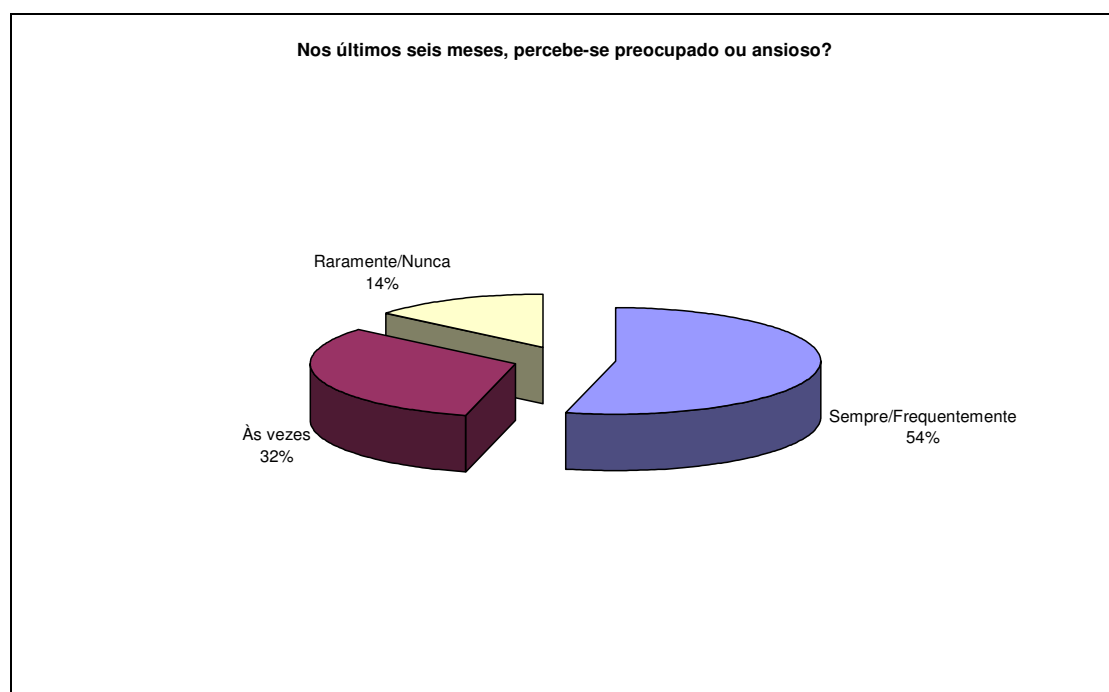
Isto está intimamente ligado com o dado seguinte, sobre alterações no humor e irritabilidade, o que pode ocorrer nas situações em que a pessoa sente-se ineficiente.



Uma vez que o trabalho acaba por ocupar a uma grande parcela do tempo no cotidiano das pessoas e o excesso de compromissos e responsabilidades leva o indivíduo a estabelecer prioridades e, em muitos casos, acabam por ficarem em segundo plano as atividades de lazer, sociais, com familiares e amigos.

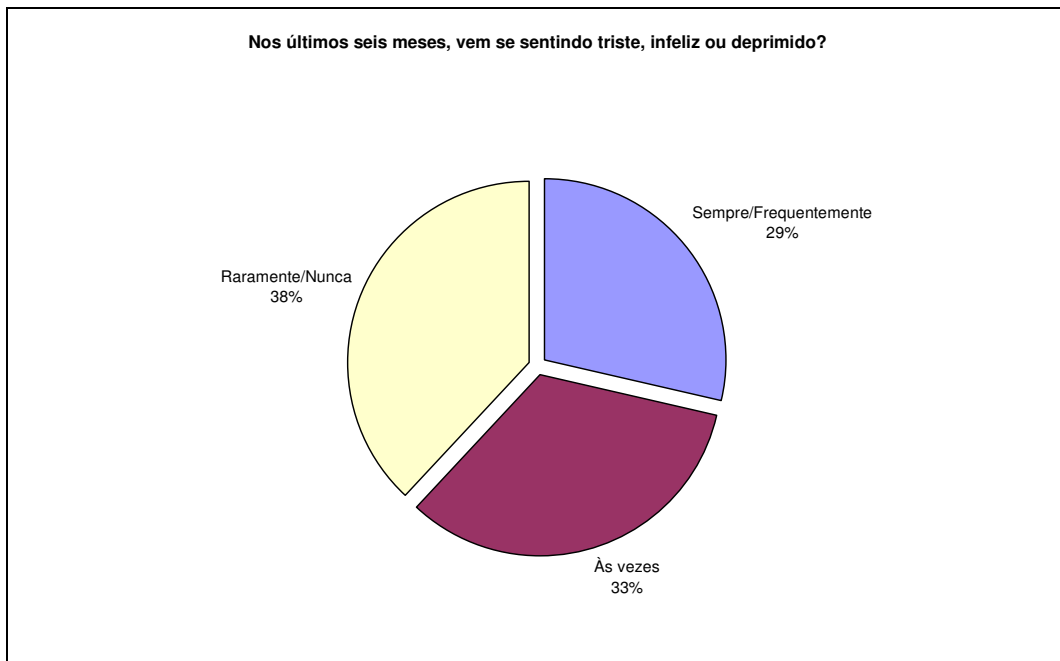


O próximo conjunto de gráficos fala das questões de saúde mental e psíquica dos docentes, em complemento às informações de uso de medicamentos e em consequência dos demais fatores já apontados.

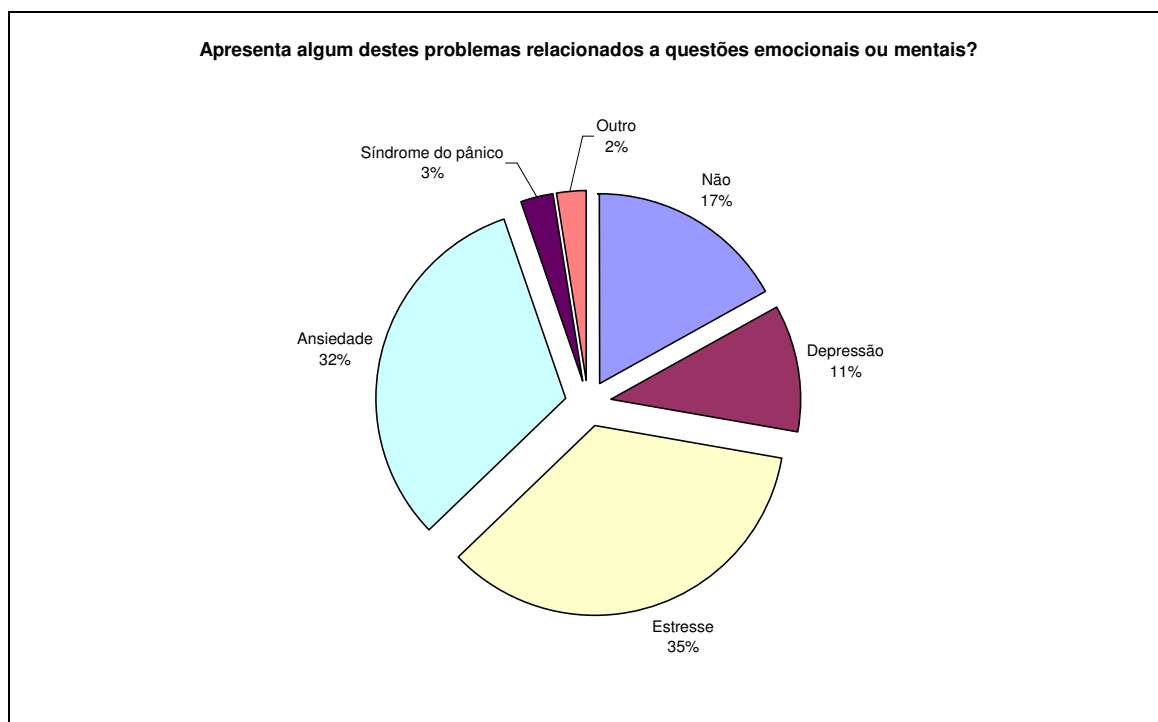


Novamente, a questão da ansiedade e a preocupação estão em destaque, com especial atenção para a frequência em que estas surgem, sendo sua presença mais contínua em 54% dos

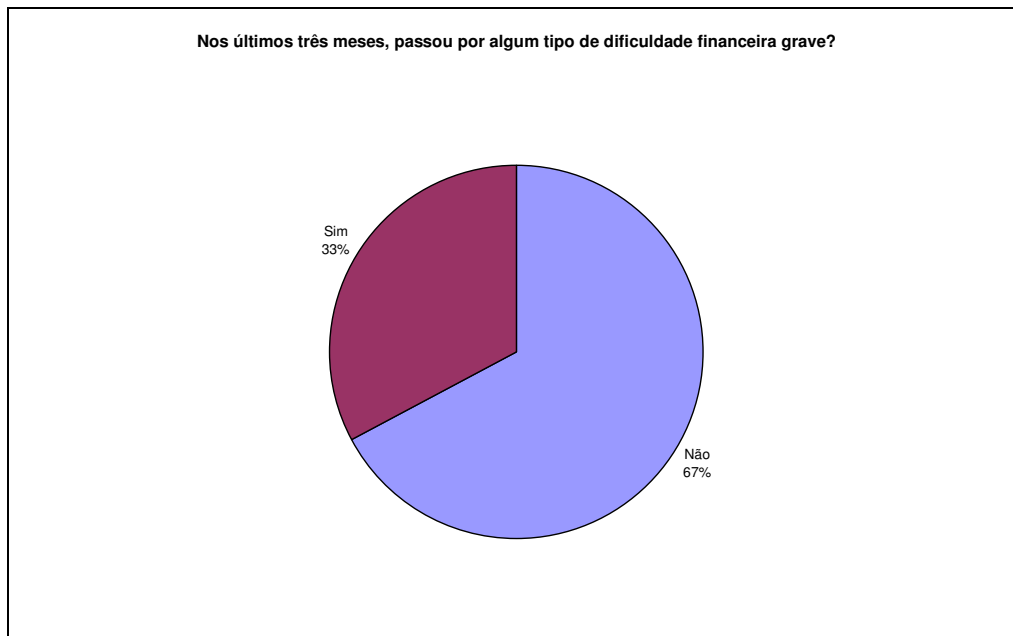
respondentes, principalmente quando a associamos à questão da infelicidade e da depressão, apontando um processo de sofrimento psíquico.



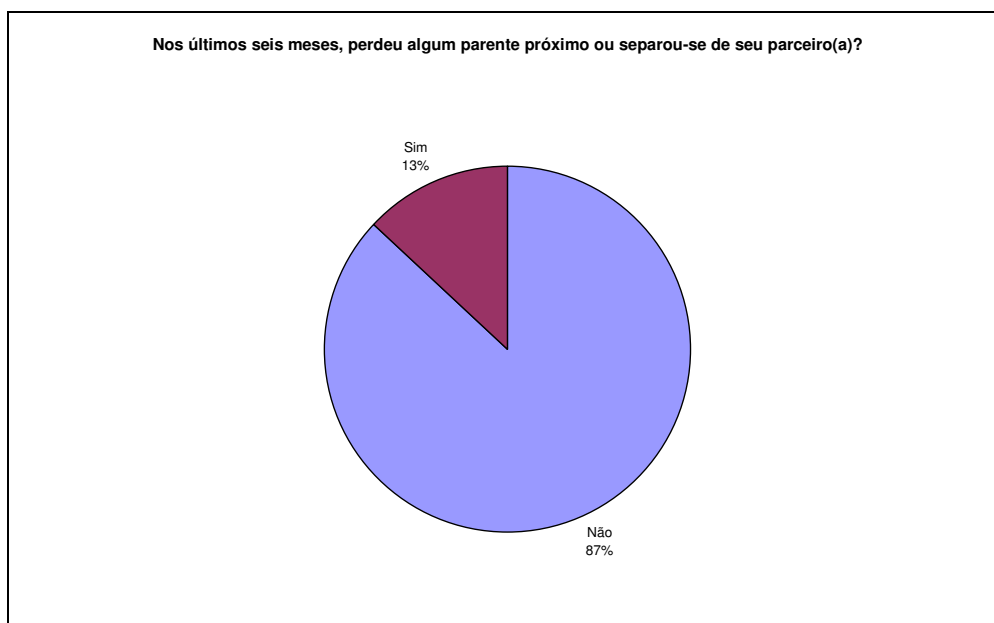
Podemos notar mais claramente nas respostas sobre a presença de problemas emocionais que poucos afirmam não ter nenhum tipo de questão neste campo, correspondendo a apenas 17% dos docentes participantes.



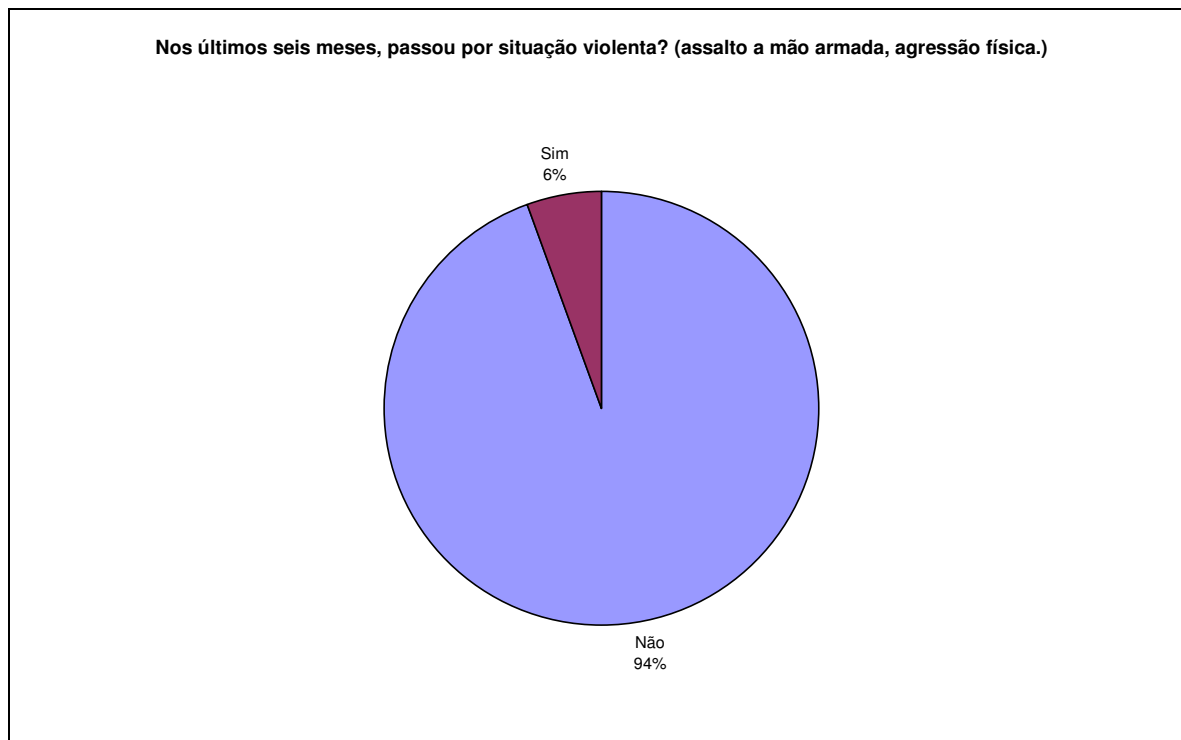
Ao considerarmos as situações comumente apontadas como geradoras de estresse, depressão e ansiedade, como o aspecto financeiro e a perda recente de companheiro ou familiar, ou a vivência de situação de risco à vida ou de violência, notamos que a quantidade de respostas que apontam a presença de sintomas de sofrimento supera as possibilidades de sua causa estar ligada a aspectos financeiros e do convívio social, ou por situações traumáticas.



A grande maioria respondeu não estar em situação financeira grave e não passou por situação de perda de familiar ou parceiro nos últimos meses.

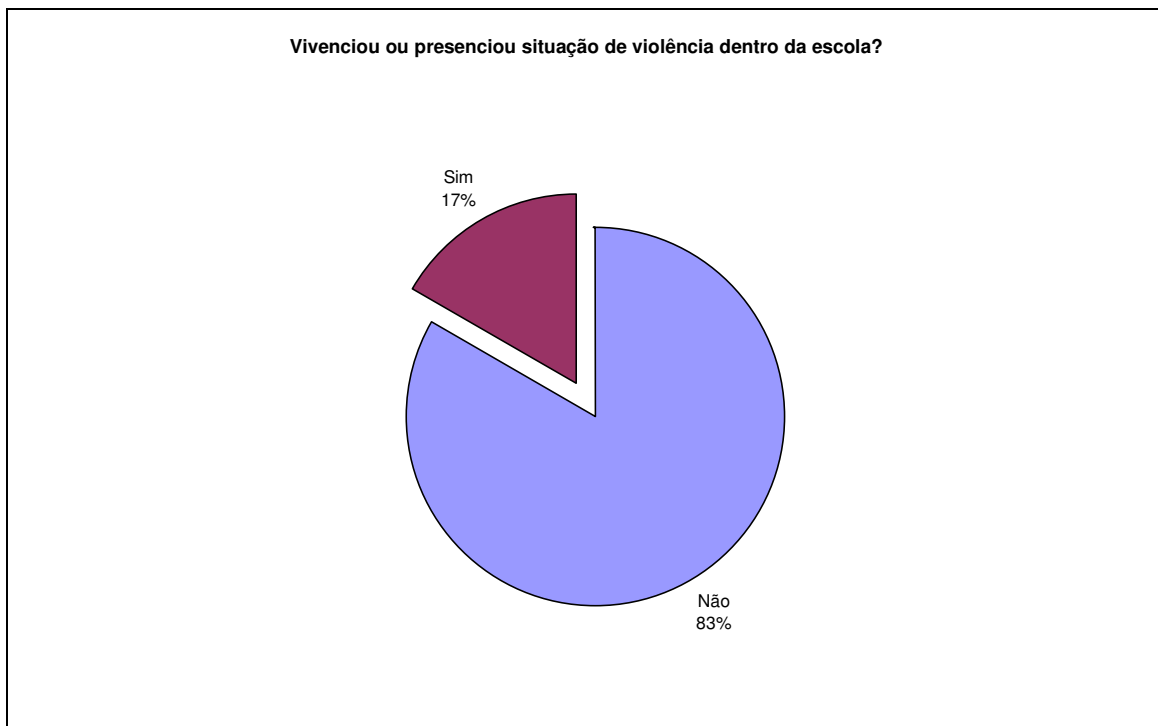


Também não temos um número alto de pessoas que tenham passado por situações de risco à vida, sendo compatíveis com as informações de síndrome do pânico e outros problemas, mais comuns em situações como esta.



Estes resultados reforçam a correlação estabelecida entre as condições e relações de trabalho e o processo de adoecimento físico e mental, as entrevistas realizadas com docentes sobre sua saúde em geral apontaram fortemente para esta participação importante do trabalho no processo de adoecimento e sofrimento.

Sobre as situações de violência dentro do espaço de trabalho provavelmente temos situações nítidas de violência, como agressão física evidente, ao que 17 % responderam afirmativamente ao fato de terem vivido ou assistido ao ato. A questão do aumento da violência dentro do espaço escolar tem sido fator estressor notório no setor público, e mostra-se também relevante no setor privado.



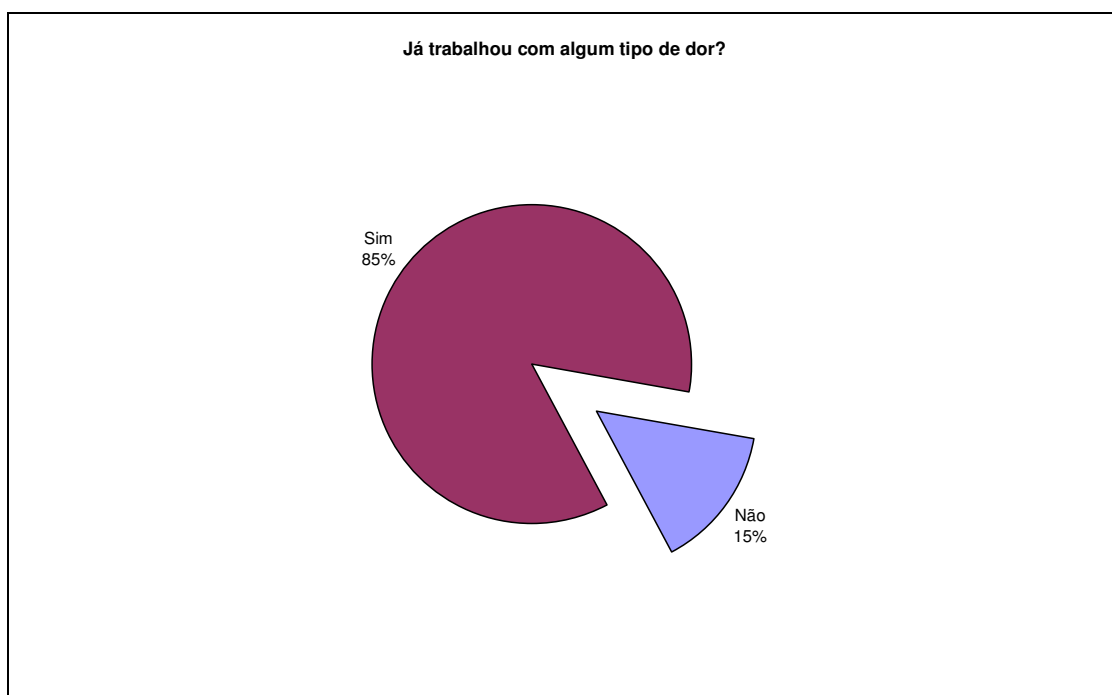
A respeito de outras manifestações de problemas de saúde temos como principais a rouquidão e perda de voz (49%), a tendinite e problemas de articulação (44%), as enxaquecas (33%), as gastrites (27%), a obesidade (23%), a hipertensão (19%) e por último os cânceres (2%).

Dor

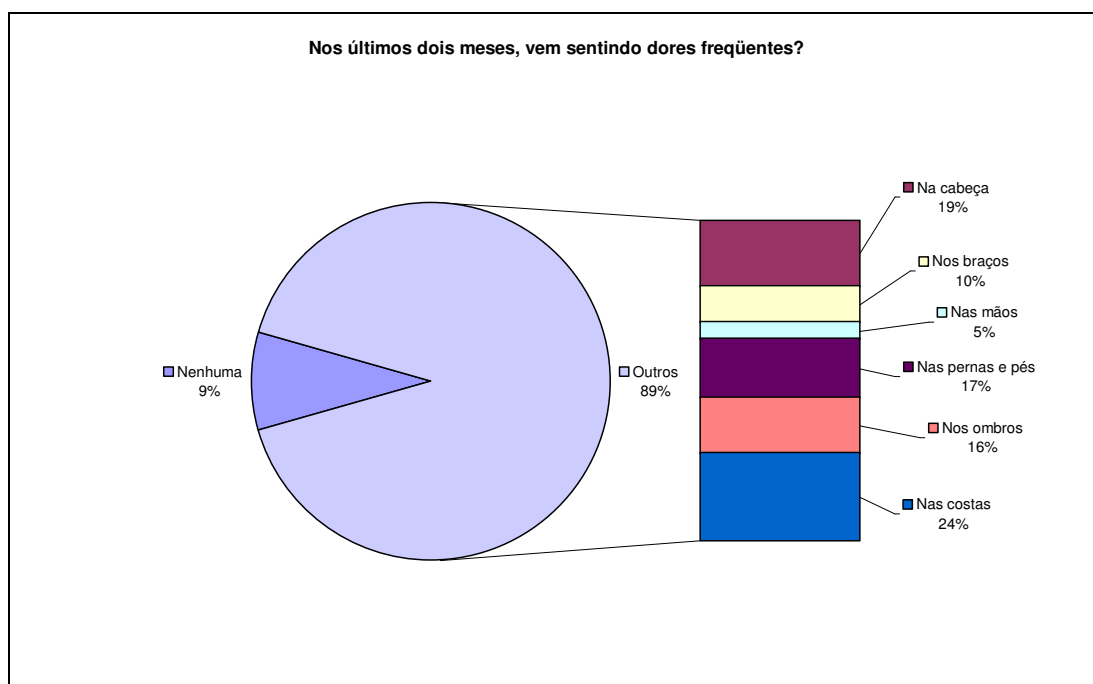
Abordando especificamente as dores difundidas pelo corpo, uma substancial maioria afirma sentir dores no corpo após um dia de trabalho, considerando um recorte de tempo específico de duas semanas.



Além disso, proporção semelhante de pessoas afirma terem trabalhado com algum tipo de dor.

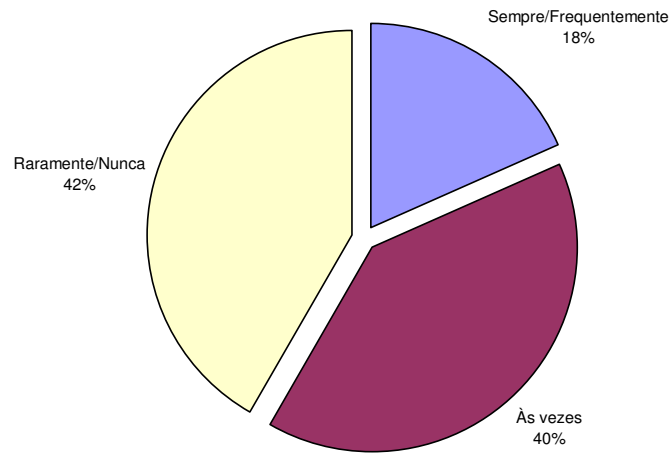


Estas informações confirmam situações identificadas nas entrevistas, mas aqui podemos ter melhor idéia de quais são as partes do corpo mais atingidas pela carga de trabalho cotidiana, sendo mais de 60 % das dores concentradas nas costas, cabeça, pernas e pés e as demais em ombros, braços e mãos. Importante frisar que apenas 9% das pessoas não apresentam dores freqüentes no período dos últimos dois meses. A questão da freqüência indica ser algo que faz parte da rotina destes profissionais o lidar com a dor em uma ou mais partes do corpo, fazendo com que estes busquem formas de aliviá-las através do uso de medicamentos, como já vimos, anteriormente. Entretanto, uma vez que os fatores geradores da dor e do estresse não são modificados, muitas vezes vemos a busca por diferentes métodos e a intensificação do adoecimento.

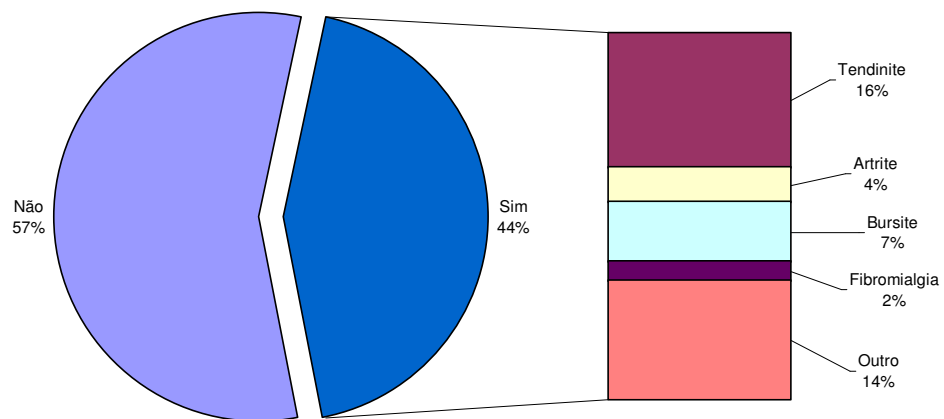


Para 18% dos docentes estas dores têm constante interferência nas tarefas diárias, enquanto outros 40% dizem sentir esta interferência motiva pelas dores somente às vezes.

Dor: Estas dores interferem em algumas de suas tarefas do dia-a-dia?



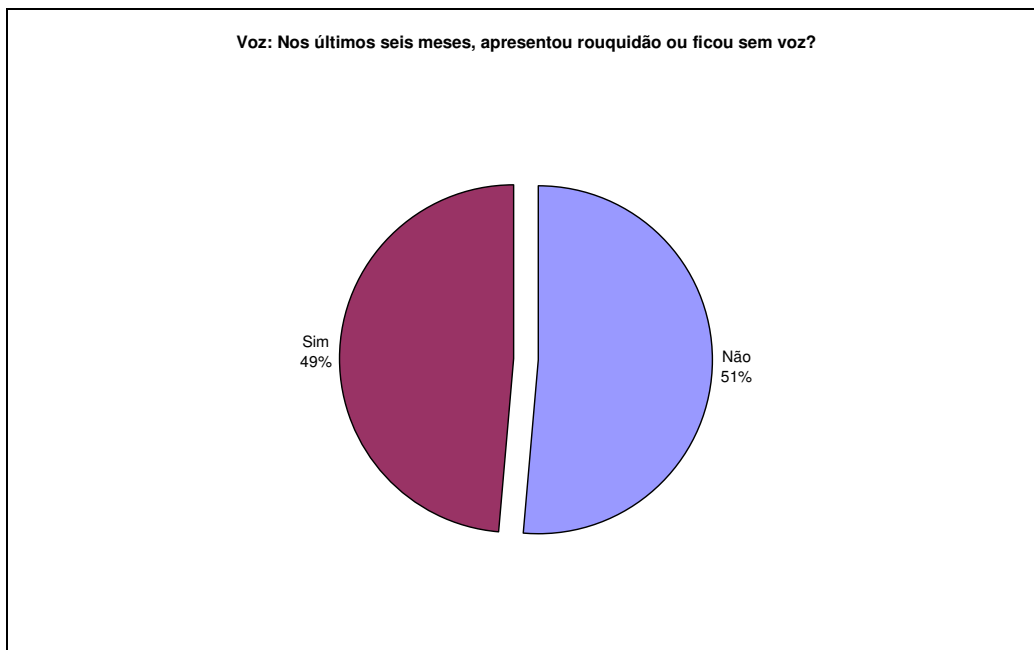
Tem diagnóstico de algum tipo de doença relacionada aos músculos, ossos ou articulações?



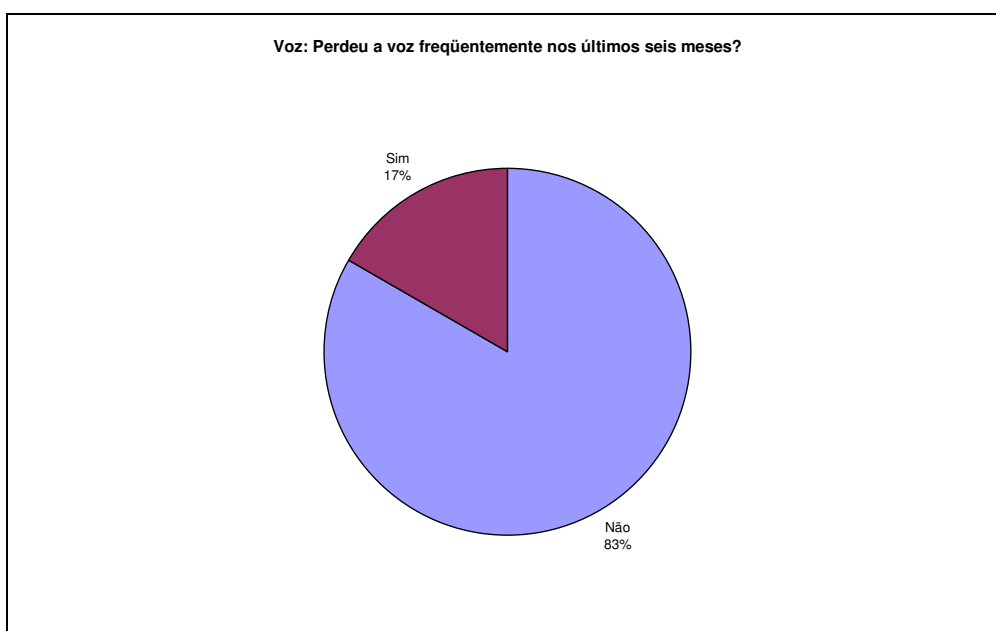
Apenas para reforçar, quase metade dos respondentes apresentam problemas nas articulações, músculos ou ossos, sendo identificadas a tendinite e a bursite como principais, além de 14% que identificam outros problemas semelhantes.

Voz

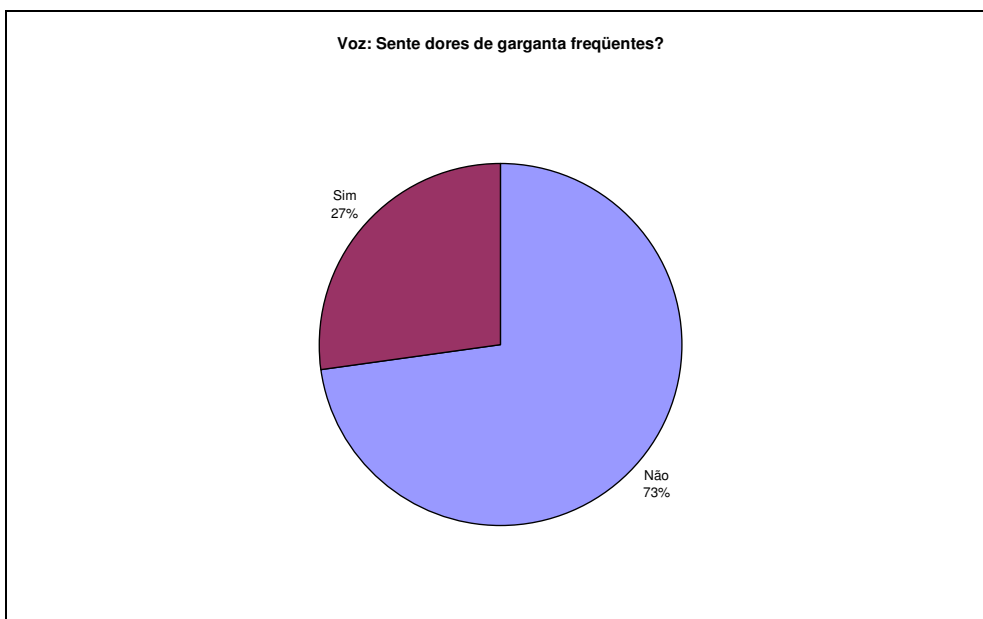
Sobre a questão da voz, durante as entrevistas, foi comum encontrarmos professores que ficavam sem voz com frequência, o que se confirma também pelo retorno do questionário, onde metade dos docentes aponta a perda de voz ou rouquidão nos últimos seis meses.



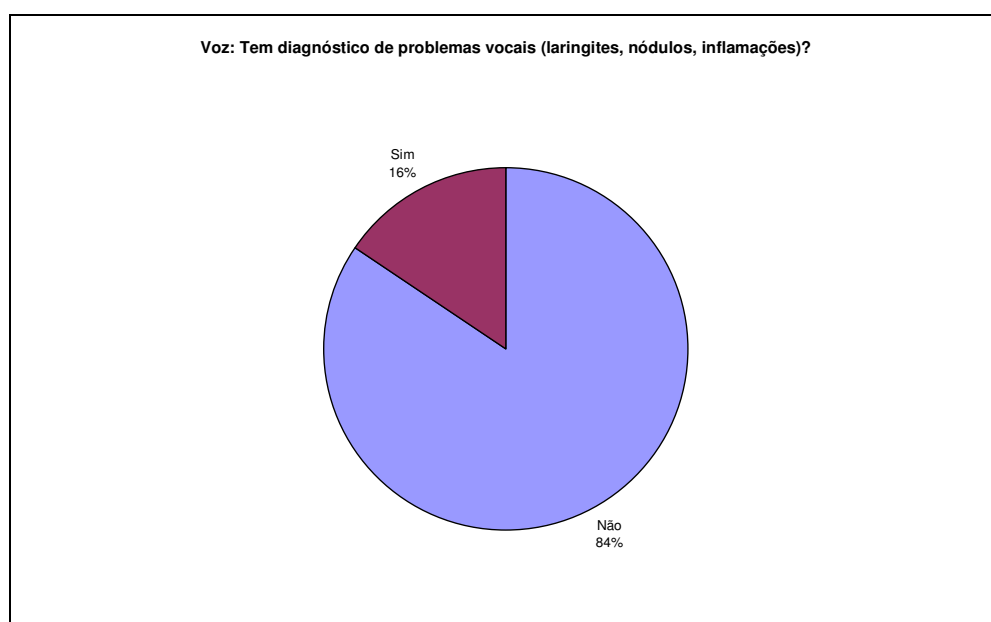
Quase a metade dos docentes apresentou problemas de rouquidão ou perda de voz nos últimos seis meses. Sendo que em 17% dos docentes a perda de voz se deu frequentemente.



Considerando o depoimento dos docentes nas entrevistas, pensamos em um baixo número de docentes com diagnóstico de problemas vocais, pois quando da perda da voz ou mesmo da rouquidão, poucos são os que procuram atendimento médico, por falta de tempo e por acreditarem que será um problema passageiro, como uma gripe, que a maioria das pessoas faz o diagnóstico por conta própria e trata em casa.

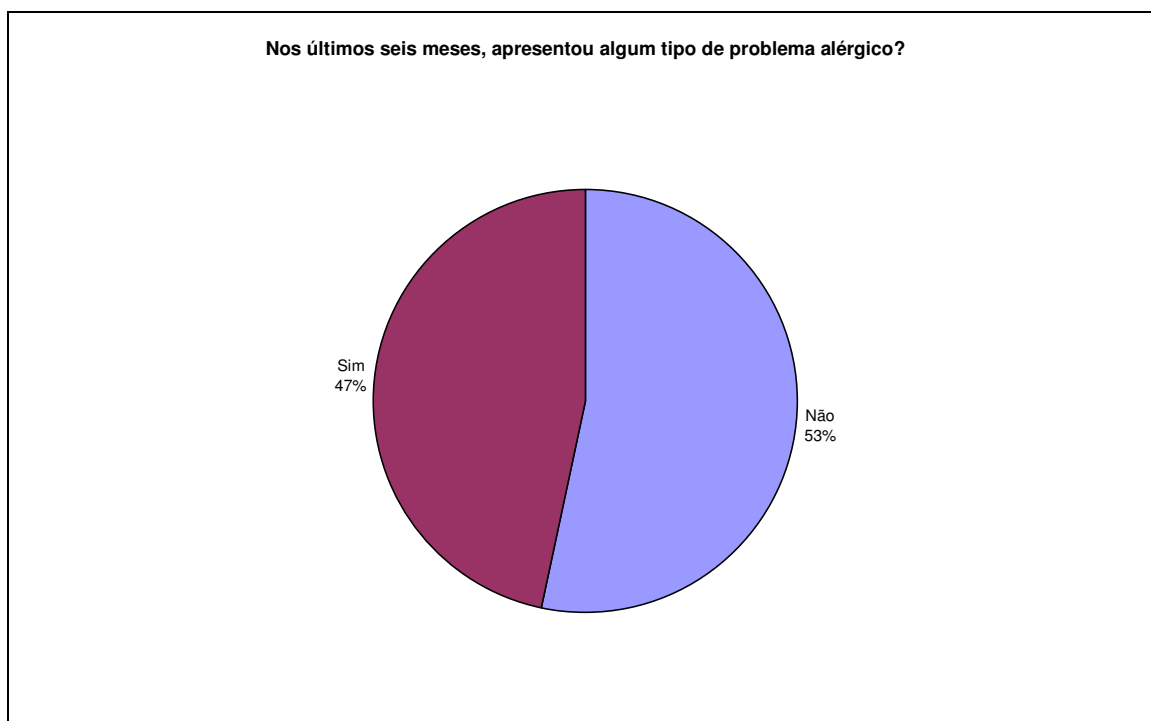


A indicação do aparecimento de dores de garganta (27%) e a perda freqüente (17%) de voz coincidem com um número de pessoas que tiveram diagnosticado algum tipo de problema vocal (16%).



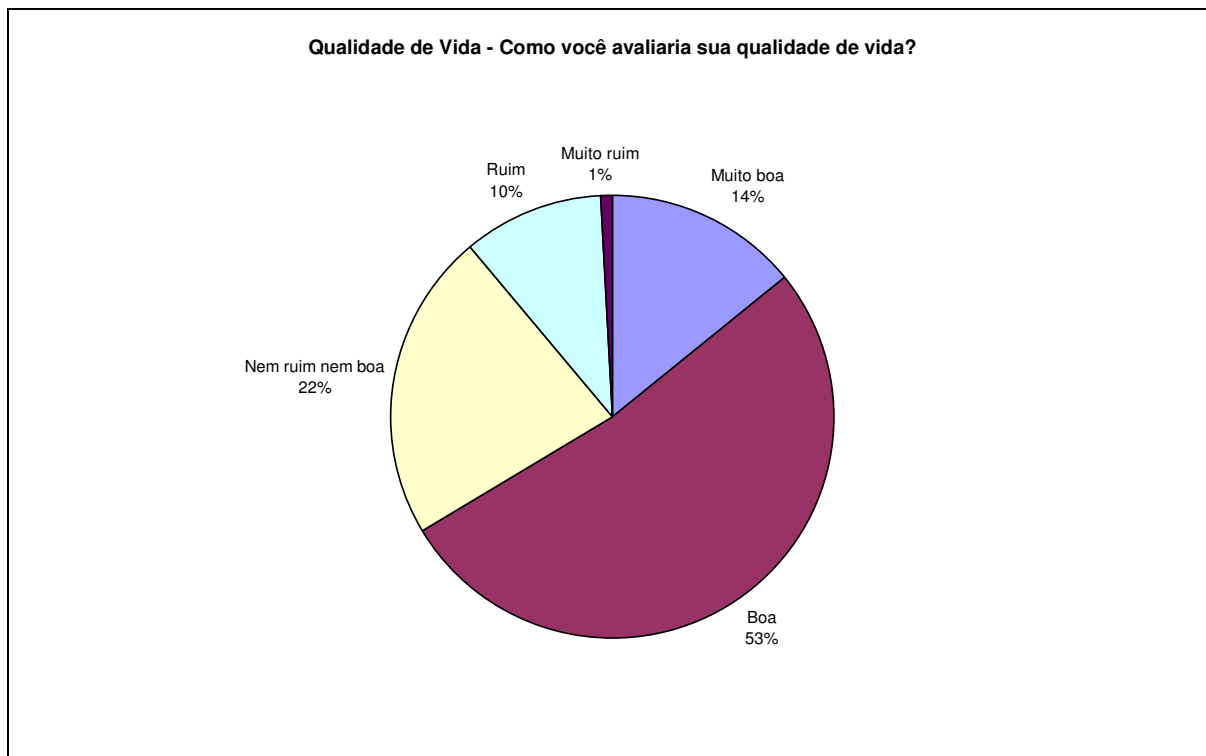
Problemas Alérgicos

Os problemas alérgicos são apontados como presentes nos últimos seis meses por 47% dos docentes. Esse dado parece refletir a baixa imunidade dos docentes decorrentes de um quadro de sofrimento psíquico e físico devido a estresse, esgotamento físico e mental, como iremos verificar adiante, aliado à forte presença de assédio moral no local de trabalho, como demonstramos anteriormente. Outros fatores como o contato freqüente com um grande número de pessoas, agentes ambientais e climáticos podem e devem ser considerados em conjunto com os fatores já mencionados.

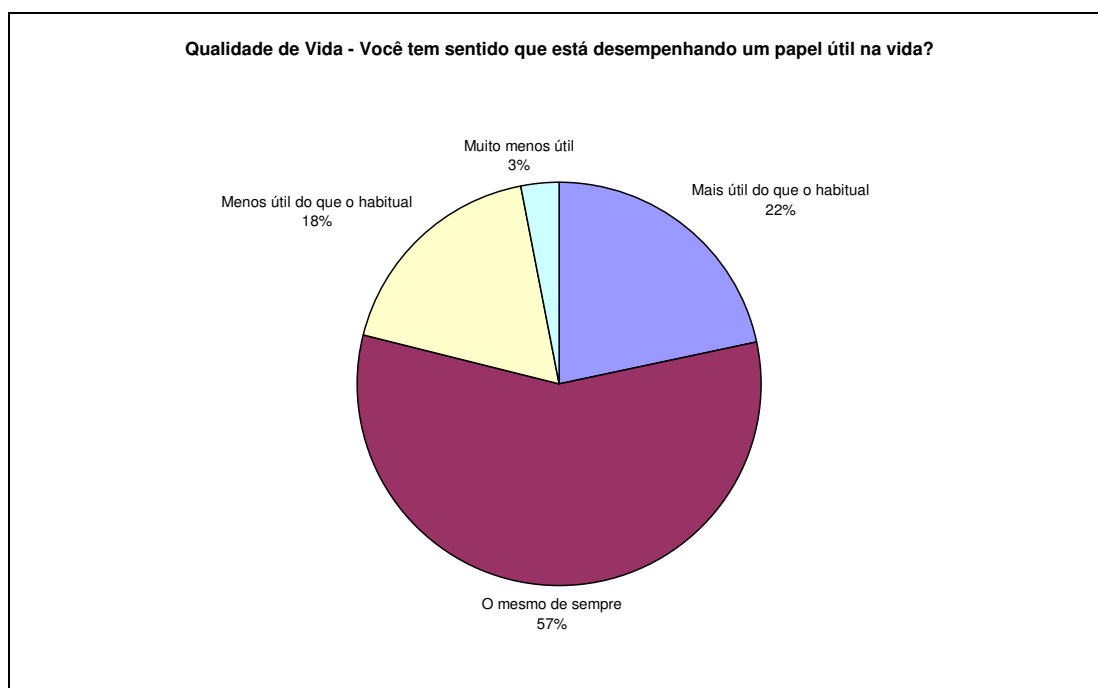


Qualidade de vida

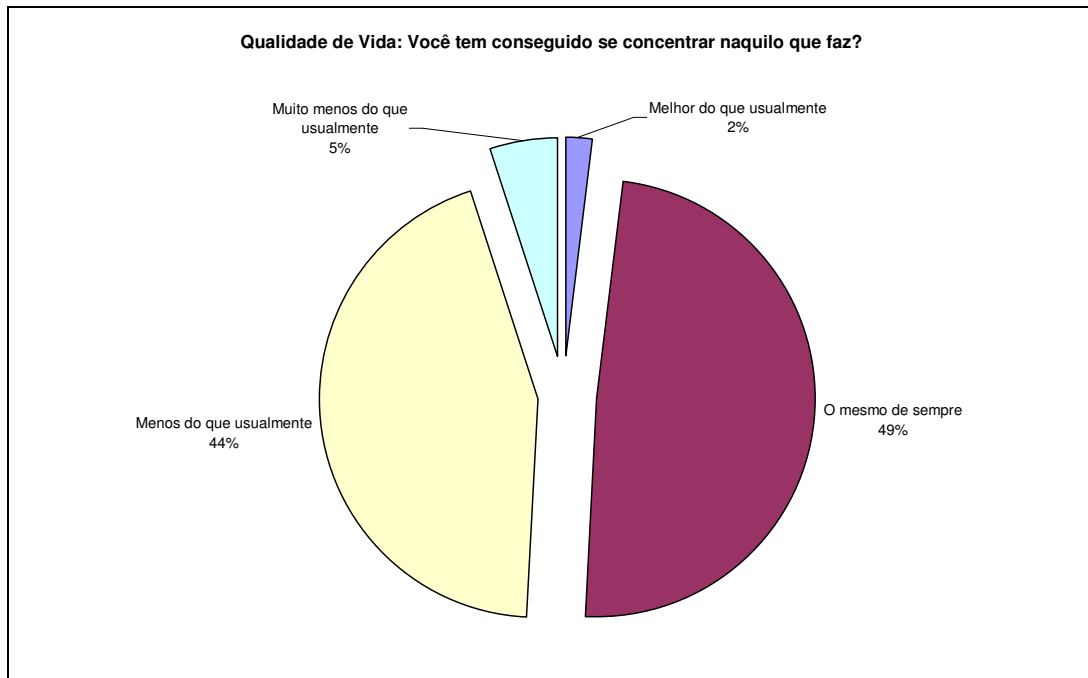
Analisando os dados de percepção dos docentes sobre sua qualidade de vida, o que abrange os diversos aspectos da vida das pessoas, é possível notar que considerando o conjunto de aspectos sociais, relacionais, de lazer, culturais, os professores tendem a vê-la como boa ou muito boa (67%).



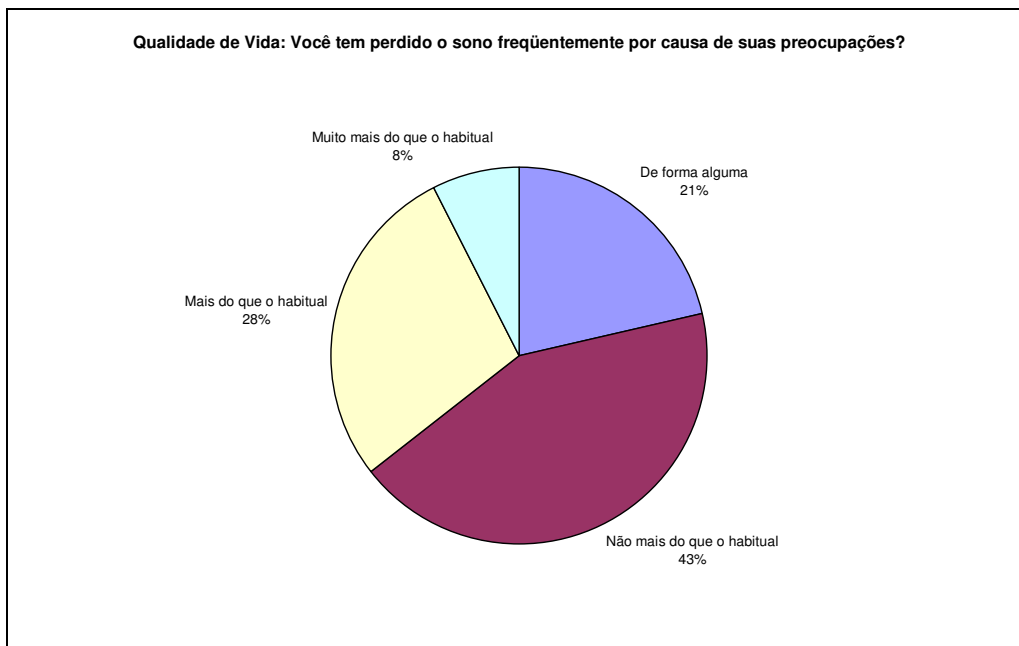
Em se tratando do seu nível de satisfação pessoal em desempenhar tarefas como no trabalho e cotidianas, bem como de relacionamentos, a grande maioria ainda se percebe com boa capacidade de ação e de superação de dificuldades. Quando falamos de aspectos mais específicos, como a capacidade de tomada de decisões, é possível notar que a grande maioria sente não haver alterações significativas nestes aspectos.



A respeito da percepção de diferenças na vida cotidiana, verificamos que quase a metade dos docentes (49%) sentiu uma perda de sua capacidade de concentração contra 2% que sentem melhorias neste campo, e 49% que não percebem mudanças significativas.



Complementando as informações sobre dificuldades de sono, verificamos que as preocupações têm alterado constantemente a qualidade do sono de 36% dos docentes. Cabe ressaltarmos que 43% dos professores apontaram não perceberem alterações no sono, mais do que o habitual, e apenas 21% não identificam nenhum tipo de alteração na qualidade de seu sono devido às preocupações.



Da mesma forma, sobre a percepção de esgotamento e do estar sob pressão, temos que 47% notaram um aumento nos momentos em que se sentem desta forma, contra apenas 13% que não sentem nenhum tipo pressão ou esgotamento. Reiteramos que para os demais 40%, elas estão presentes, mas apenas não notam uma alteração em sua freqüência ou intensidade.

Considerações e Discussão dos Resultados

Iremos destacar aqui alguns dos aspectos já identificados através das principais informações levantadas. Desta forma, trataremos mais diretamente de alguns aspectos de saúde e condições de trabalho.

Considerando o retorno dos professores ao questionário (por meio eletrônico), em um período que verificamos ser o mais estressante para a categoria, que é o final do ano letivo, o índice de respostas ficou acima do esperado por nós. Isto nos dá alguns elementos para reflexão sendo um destes a busca por espaços de escuta destas condições.

A realização da pesquisa sobre as condições de trabalho e saúde dos professores do ensino privado no estado do Rio Grande do Sul aponta para problemas sérios na relação entre trabalho e saúde dos professores. É possível dizer, de modo geral, que o trabalho está prejudicando sua saúde do professor, no ritmo e na forma como está a organização do trabalho nas instituições de ensino privado. Um dado preocupante é o grande número de professores que mesmo adoecidos tem que manter suas atividades. Ou seja, devido à pressão e ao assédio no local de trabalho, o professor tem que trabalhar doente. Dessa maneira o professor está adoecendo em razão do trabalho e ainda tem que manter-se no trabalho, mesmo adoecido.

Neste quadro, a utilização de medicamentos aparece de forma preocupante. O recurso à medicamentos estimulantes, antidepressivos, calmantes ou tranqüilizantes aponta para a utilização destes medicamentos para manter o professor em atividade, para suportar o cotidiano de trabalho desgastante a que está submetido.

Essa situação é agravada por uma aparente não preocupação em garantir uma organização do trabalho e condições de trabalho que tenham como prioridade a garantia de não prejudicar a

saúde dos professores. Sobre as condições de trabalho especificamente, os principais problemas parecem não estar diretamente relacionados ao ambiente físico de trabalho, como temperatura, ventilação, barulho, limpeza, etc., mesmo que em algumas situações sejam relatados problemas neste campo. Os principais fatores prejudiciais à saúde dos professores no ensino privado apontam diretamente para a organização do trabalho e as relações no local de trabalho. Fatores como jornada de trabalho, excesso de atividades, pressão de chefias e colegas de trabalho, assédio moral no trabalho, relação com chefias, colegas professores, pais e alunos, estão entre os principais geradores de agravos à saúde física e mental dos professores.

Um dos pontos mais preocupantes trata dos episódios de humilhação no espaço de trabalho, questão premente e geradora de crescentes problemas de saúde relacionados ao trabalho, o assédio moral. Como já definimos anteriormente, o assedio moral se caracteriza por qualquer conduta abusiva [gesto, palavra, comportamento, atitude...] que atente, por sua repetição, contra a dignidade ou integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho.

Os principais agentes de humilhação freqüente para o docente são os alunos, os chefes imediatos, os chefes superiores e os próprios colegas professores. Estas situações podem ser identificadas em diversos aspectos e momentos do trabalho docente, como por exemplo, o fato deste constantemente ter de exercer tarefas que estão além de sua função, fora de seu horário de trabalho, muitas vezes em prejuízo de seu horário de lazer e descanso, inclusive sob ameaças veladas e relatos de perseguição aos docentes, caso não participem deste tipo de atividade extraclasse.

Nas entrevistas este foi tema presente e fortemente apontado por docentes como um dos fatores que causam sofrimento mental, emocional e desgaste físico no trabalho. Este aspecto ganha força quando verificamos que a grande maioria dos docentes não identifica problemas na estrutura

física de seu ambiente de trabalho ou falta de recursos para exercer suas atividades, mas ao contrário, que isto faz com que a cobrança e a pressão sejam mais fortes e freqüentes, principalmente por parte das chefias imediatas e superiores.

Apesar da percepção de boa saúde por grande parte dos docentes, o fato de quase a metade necessitar de tratamento com medicamentos e outros procedimentos nos fala dos efeitos da organização do trabalho na saúde física e psíquica destes profissionais dentre eles: A dificuldade de manter os horários de lazer por boa parte dos docentes; o aumento das atividades extras, como participação em festas e eventos da escola, e as atividades da escola que se confundem com as atividades pessoais, como o tempo em responder aos e-mails da escola, entre os dos amigos e familiares; a dificuldade de contabilizar o tempo de preparo, correção, confecção de relatórios e outros documentos e atividades para a escola; dentre outros.

A respeito das manifestações físicas de problemas de saúde temos como principais a rouquidão e perda de voz (49%), problemas alérgicos (47%); a tendinite e problemas de articulação (44%), as enxaquecas (33%), as gastrites (27%), a obesidade (23%), a hipertensão (19%) e por último os cânceres (2%).

Avanço ou retrocesso nas condições de trabalho e saúde do professor do ensino privado gaúcho.

Através desta pesquisa, especialmente na etapa onde foram entrevistados professores e auxiliares de ensino em diferentes regiões do estado, é possível dizer que houve uma queda significativa nas condições de trabalho e saúde no ensino privado.

Dentre as principais queixas levantadas pelos professores encontram-se: falta de tempo para a devida preparação das tarefas docentes, aumento do cansaço devido à extensa jornada e ao número de atividades extraclasse, o grande número de atividades docentes sem remuneração

adicional e exercidas fora do horário da jornada, a excessiva pressão sofrida no trabalho. O relato dos professores indica que este quadro vem se agravando nos últimos anos.

Quando se fala em ensino privado, logo se pensa na questão salarial, disponibilidade de materiais e recursos para o trabalho e acredita-se que isto é suficiente para um bom ambiente e condições de trabalho. Esquece-se dos demais elementos que influenciam nestes aspectos, sendo a pressão por produtividade, o controle externo constante, o aumento das atividades extraclasse fatores estressores importantes. Isto, aliado à necessidade da manutenção da excelência destas instituições frente à sua manutenção no mercado, tem levado ao aumento, muitas vezes “silencioso”, de adoecimentos na categoria. Silencioso, pois muitos dos sintomas têm ficado registrados como adoecimento físico e mental motivados por fatores pessoais e individuais.

Trabalho docente, fontes de renda e saúde.

É importante relacionar o alto índice de profissionais que exercem outra função remunerada (41%) com o grande número de professores que exercem atividades docentes sem remuneração adicional. A pesquisa indica que 74% dos docentes exercem mais de quatro horas por semana nestas atividades, sendo que 44% dos professores acabam por dedicar mais de oito horas semanais em atividades docentes sem remuneração adicional. Outro fator relacionado a este aspecto revelado pela pesquisa é que 33% dos professores entrevistados alegaram ter enfrentado algum tipo de dificuldade financeira grave nos últimos três meses.

Embora nos últimos anos trabalhadores de diversos setores econômicos tenham conseguido certa recuperação em sua renda, no caso do professorado há que se salientar uma imensa demanda por aprimorar constantemente sua formação, muitas vezes acadêmica, e sua bagagem cultural. Isto demanda um grande e constante investimento. Além disso, é importante salientar que este alto índice aponta para outra fragilidade do trabalho docente a necessidade de complementar sua

remuneração exercendo outras funções. Não bastasse a intensa carga de trabalho e o excesso de atividades o professor, para poder atender suas necessidades financeiras, tem de recorrer a outras atividades remuneradas para complementar sua renda. É possível dizer que se fossem remuneradas as atividades docentes que hoje são exercidas sem remuneração, tais como preparação, correção e outras atividades extraclases, provavelmente o professor não sentiria necessidade de recorrer a outras funções remuneradas.

Assédio Moral

O assédio moral no trabalho pode ser definido como qualquer conduta abusiva, como gestos, palavras, comportamentos ou atitudes, que atente, por sua repetição, contra a dignidade ou a integridade física ou psíquica de uma pessoa. A pesquisa realizada apontou como principais fontes de assédio moral no trabalho dos professores do ensino privado. Em destaque a pesquisa apontou que 33% dos professores sentem-se assediados moralmente no trabalho por alunos. As chefias imediatas e as chefias superiores aparecem como fonte de assédio moral no trabalho para 31% dos professores. É importante ressaltar que este é um alto índice se comparado com outras pesquisas realizadas em outras atividades profissionais. Uma particularidade que gostaria de chamar a atenção é para o grande número de professores que indicam outros colegas professores como fonte de assédio moral no trabalho. Nesta situação encontram-se 23% dos professores.

Podemos chamar de assédio moral horizontal, este exercido entre os próprios colegas, e que parece estar colocando em perigo a atividade do professor que sempre teve por base o espírito solidário, a tarefa de propiciar o crescimento conjunto.

Estariam os professores sucumbindo à competitividade fria, cruel e destruidora entre colegas? Esta conduta não somente não é coibida pelas chefias e empresas, como em alguns casos, parece ser até estimulada. Ou seja, este tem sido um mecanismo utilizado de forma indireta pelas escolas

para manter o professor ligado, buscando “trazer novos alunos”, “vestir a camisa”, ficando sempre disponível, etc. Alguns podem até considerar que este tipo de ambiente colabora para aumentar a “produtividade” docente, mas somente levam a uma piora nas condições de trabalho e saúde. Em primeiro lugar é necessário refletir acerca da lógica da produtividade quando aplicada à educação. Dentre outras razões, por somente estimular a reprodução de uma racionalidade que tem por base a exploração máxima e o desrespeito aos limites físicos e mentais. Há trinta anos, os sindicatos de trabalhadores se reuniram para criar o DIESAT afirmando o lema que permanece atual: saúde não se troca por dinheiro.

É necessário advertir que a conduta do assédio moral é a base para o sofrimento físico e mental em larga escala, que passa a atingir a todos levando a uma deterioração ainda maior das relações e da organização do trabalho.

Atividades docentes exercidas fora do horário de trabalho e saúde.

As instituições de ensino tem se utilizado, cada vez mais, da tecnologia de comunicação, internet e computadores como ferramenta para ampliar o número de atividades e manter o professor sempre conectado. Estas ferramentas se, por um lado aparentam facilitar o trabalho docente, por outro acabam por induzir e exigir que o professor assuma atividades adicionais. Algumas destas atividades eram antes exercidas por outros profissionais, outras são novas atividades que vem ser adicionadas à extensa lista de funções do professor. Uma das características deste modelo é poder ser realizado a qualquer hora e em qualquer lugar, seja na própria instituição de ensino, no horário de intervalo, após o final das aulas, ou mesmo à distância, diretamente da casa do professor, à noite ou aos finais de semana.

Algumas frases que traduzem bem esta realidade: “o professor é 24 horas por dia professor”, “o professor tem que estar sempre à disposição da instituição, dos alunos, dos pais, da chefia, a todo

o momento, em qualquer hora”, ou “chego em casa e mal falo com meus filhos, vou direto para o computador, responder email, inserir notas, fazer relatório”.

Os impactos deste excesso de atividades para a saúde física e mental são evidentes e eles se manifestam nas relações familiares e sociais, na ausência de tempo para lazer, para estudo, para descanso.

A pesquisa indica que 70% dos professores freqüentemente exercem tarefas docentes fora de seu horário de trabalho, sendo que quase 30% acabam por também exercer tarefas que estão além de sua função.

Problemas alérgicos.

O esgotamento físico e mental é um dos fatores que contribui para uma queda da capacidade imunológica, que está relacionada com a capacidade do organismo de enfrentar agentes alérgicos. Existem vários sintomas que indicam o surgimento de alergias como os resfriados constantes, espirros, dores de cabeça, coceiras e coriza dentre outros. Os fatores ambientais tradicionais como poluição e poeira são potencializados, no caso dos professores, por um agudo quadro de cansaço físico e mental que contribui para o surgimento de quadros alérgicos.

Cansaço e esgotamento freqüentes.

O cansaço e esgotamento físico e mental freqüentes nos últimos seis meses são indicados por 78% dos professores e está diretamente relacionado ao trabalho, sobretudo se recordarmos as queixas de excesso de trabalho, de tarefas e atividades extraclasse, a pressão e o assédio moral no trabalho. Além disso, em vários momentos durante as entrevistas os professores deixaram claro alguns períodos ao longo do ano letivo onde este cansaço e esgotamento são intensificados, como ao final do ano letivo, período de avaliações e fechamento de notas. 45% dos professores entrevistados apresentaram algum problema de saúde física ou mental relacionado ao seu

trabalho, sendo que 39% precisou se ausentar do trabalho por ao menos um dia em razão destas doenças.

Utilização de medicamentos.

É preocupante a grande utilização de medicamentos, sobretudo porque a medicalização parece estar sendo utilizada para manter o professor em atividade, ou seja, o professor está adoecendo e sofrendo por conta de seu trabalho, passa a utilizar estimulantes e antidepressivos para poder manter-se trabalhando, ao passo que utilizam calmantes ou outros tipos de medicamentos para poder descansar e dormir.

É importante notar que em outras atividades profissionais este mesmo expediente perigoso é utilizado, talvez o mais conhecido seja o “rebite”. Levantamos que os professores tem recorrido a medicamentos estimulantes, calmantes ou tranqüilizantes, antidepressivos, para memória e para auxiliar no sono. Em alguns dos casos recorrendo a automedicação, o que constitui um risco ainda maior.

Tratando tudo como cunho individual, o uso de medicamentos aparece como resistência pessoal às dificuldades cotidianas do trabalho.

Precisamos reconhecer o processo crescente de medicalização da vida e o poder de sedução da indústria farmacêutica, mas é preciso refletir sobre o devido lugar que os medicamentos devem ocupar, como parte de um processo terapêutico de recuperação e não como um mecanismo para manter o professor em atividade, à custa de sua saúde.

Sono e sensação de impotência e esgotamento

O acúmulo crescente de tarefas e atividades que são colocadas sob responsabilidade do professor leva a um aumento significativo da sensação de não ser capaz de dar conta de tudo o que se tem para fazer no dia de trabalho, o que é relatado como freqüente por 42% dos entrevistados.

Os problemas e dificuldades relacionados ao sono atingiram 59% dos entrevistados nos últimos seis meses, sendo que esta frequência tem sido maior em razão de preocupações 36% dos professores entrevistados.

Estes problemas relacionados ao sono mantêm relação direta com a quantidade excessiva de atividades e tarefas e a sensação de impotência para dar conta destas. Nas entrevistas, vários professores relataram a preocupação crescente e angustiante com esse volume de tarefas, a sensação é de que não se dá conta, que ao terminar uma tarefa, várias outras já estão à espera de atenção. Aliás, é importante adicionarmos outro aspecto que a pesquisa revela e que mantém relação direta com este tema que é a capacidade de manter concentração naquilo que faz. Quase a metade dos professores tem sentido dificuldades de concentração em tarefas mais do que usualmente.

Dor

Sobre as partes do corpo mais atingidas pela carga de trabalho cotidiana, gerando dores ao final do dia de trabalho ou levando o professor a trabalhar constantemente com dores, temos que 60 % destas dores concentram-se nas costas, cabeça, pernas e pés.

Importante frisar que apenas 9% das pessoas não apresentam dores freqüentes no período dos últimos dois meses contra 18% dos docentes cujas dores têm constante interferência nas tarefas diárias.

A busca por formas de aliviar as dores no corpo, o cansaço e esgotamento, principalmente nos finais de semestre e final de ano, além da ansiedade e da depressão, utilizando medicamentos tem sido comum. A percepção de diferenças na vida cotidiana, como a perda de sua capacidade de concentração, o aumento das dificuldades de sono em função de preocupações, e o aumento dos momentos em que se sentem pressionados e esgotados, em conjunto com os demais dados,

reflete as situações de muito estresse, de assédio moral, e *burnout* ou esgotamento profissional vividas pelos docentes e seus efeitos diretos sobre sua saúde física e psíquica.

No entanto, o fato de apenas 6% dos docentes terem se afastado do trabalho por mais 15 dias nos últimos seis meses, reforça a afirmação de, apesar de estarem adoecendo, os docentes não se afastam do trabalho para cuidar da saúde, pelo temor de demissão e por pressão de chefias. O uso de medicamentos, até mesmo sem receita, principalmente nos casos de antidepressivos e dos antipsicóticos, podem ser sinais deste receio da descoberta de seu adoecimento pela instituição onde trabalham ou até mesmo pelos colegas, temendo demissões ou reprimendas.

Entretanto, uma vez que os fatores geradores da dor, do estresse, da humilhação e do esgotamento não são modificados, teremos um aumento no uso de medicamentos cada vez mais freqüente e a intensificação dos adoecimentos.

Trabalhar sentindo algum tipo de dor parece ser uma constante na atividade docente. No ensino público há relatos que apontam para uma situação parecida. No caso dos professores do ensino privado gaúcho encontramos que a grande maioria dos docentes que foram entrevistados alega que já trabalharam sentindo algum tipo de dor. Os docentes alegam que as regiões mais afetadas pelas dores são: costas, cabeça, pernas e pés, ombros e braços. Outro fator que chama a atenção é que 44% dos entrevistados possuem diagnóstico de algum tipo de doença relacionada aos músculos, ossos ou articulações onde se destacam as tendinites, bursites e artrites.

Síndrome de Burnout

Dois aspectos principais devem ser observados quando falamos de Síndrome de Burnout. Em primeiro lugar ela tenta descrever o processo de esgotamento psíquico no trabalho que fica evidente quando 47% dos professores afirmam se sentir constantemente esgotado e sob pressão mais do que o habitual, sendo que este número sobe para 78% quando considerado os últimos

seis meses. Em segundo lugar o processo de aumento significativo de irritação e impaciência que 41% dos professores alegam sentir freqüentemente. Devemos lembrar também que uma parcela significativa dos docentes afirmou nas entrevistas sentir-se freqüentemente na situação em que não irão dar conta das tarefas e atividades.

É justamente esse o quadro descrito pelo que chamamos síndrome de Burnout, ou seja, um sentimento de exaustão, de perda de enorme energia e de impotência para ação. É um processo lento que vai sendo desenvolvido vagarosamente, sobretudo através de uma situação de trabalho que o trabalhador não suporta mais, mas que também da qual não pode desistir.

Violência na Escola

É muito preocupante o índice de 17% de professores vivenciando ou presenciando violência na escola, pois representa um fator que vem se somar em um processo de desgaste físico e mental, de ruptura de relações no trabalho e de um mal estar do trabalho docente que formam um conjunto complexo. Em um contexto de trabalho que agrava a saúde dos professores, situações de violência tendem a dificultar ainda mais este quadro. Este é um debate que deve ser aprofundado, seria a violência vivenciada na escola totalmente desconectada do contexto de sofrimento no trabalho dos professores? Consideramos que esta e outras questões devam ser respondidas coletivamente.

Relação com outras pesquisas e estados brasileiros

Pesquisas realizadas em São Paulo, Minas Gerais e Bahia indicam que o trabalho vem afetando cada vez mais a saúde dos professores. Em geral as pesquisas têm abordado as condições de trabalho, saúde mental, estresse, síndrome de Burnout, mal estar docente e distúrbios vocais. No entanto, a maioria dos estudos é relativamente recente, sobretudo se pensamos em outras categorias profissionais. Nesse contexto é importante lembrar que a Organização Internacional do

Trabalho (OIT) considera o trabalho docente como uma profissão de risco, uma das mais estressantes atualmente. Isso ressalta a importância desta e outras pesquisas, a necessidade de uma atenção da sociedade para este tema e uma ação conjunta por parte dos professores.

Notamos que, assim como em outras categorias profissionais, a presença de assédio moral, sofrimento psíquico é cada vez maior. Esses aspectos mantêm relação direta com a constatação de aumento de pressão por produtividade, o uso de tecnologias para alcançar este ponto, além do excesso de atividades e longa jornada de trabalho. Desta maneira, fica evidente que a luta por melhores condições de trabalho, por uma jornada de trabalho mais justa e em defesa da saúde no trabalho deve unir os professores aos trabalhadores em geral.

DIESAT

Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho

www.diesat.org.br

diesat@diesat.org.br

Fone: (11) 3399-5673

Técnicos responsáveis por esta pesquisa:

Wilson Cesar Ribeiro Campos⁸

Alexandra Mari Ito⁹

⁸ Psicólogo pela USP, especialista em Saúde Coletiva pela UNIFESP, Coordenador Técnico e Membro do Conselho Científico do DIESAT. Contato: wilson@diesat.org.br

⁹ Psicólogo pela USP, especialista em Saúde Coletiva pela UNIFESP, pesquisadora do DIESAT.